

Todo lugar tem uma história para contar

Memórias de Xambioá



Museu da Pessoa

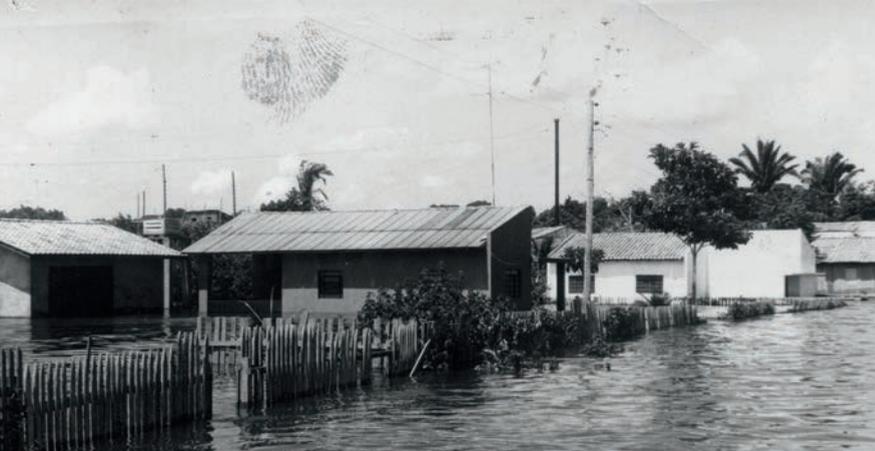
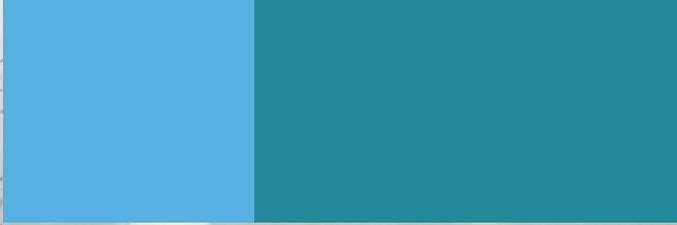
Todo lugar tem uma história para contar

Memórias de Xambioá



Museu da Pessoa

São Paulo 2017



Sumário

6

Era um furdunço de gente,
garimpeiro demais

10

Eu comecei a construir o hotel só
Deus sabe como

14

Eu era desenvolvido, mas eu não
era político não

18

Holanda, Estados Unidos, França
compravam madeira da nossa mão

22

Esse rio é camarada, porque ele
enche bem devagarzinho

26

Nós somos os navegadores que vão
vendendo a mercadoria

30

Ele carregava o Osvaldão, esse
pessoal que fazia parte da guerrilha

34

Outro episódio foi o quebra-quebra

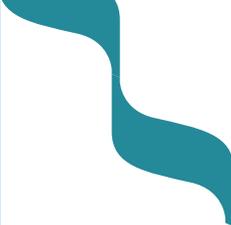
38

Tudo que era em benefício do
povo ele aprovava

42

Fui o primeiro contratado da
Votorantim aqui





Apresentação

Desde a sua fundação, em 1992, o Museu da Pessoa tem se dedicado a ouvir histórias de vida de pessoas que desejam preservar suas memórias. Outra forma de atuação tem sido a disseminação da tecnologia social da memória por meio de uma ação educativa que oferece ao público interessado a metodologia de escuta e de produção de histórias.

Esta publicação é o resultado do projeto de memória realizado em 2016, pelo Museu da Pessoa, Votorantim Cimentos e o Conselho Comunitário de Xambioá que, em parceria, se empenharam em ouvir e registrar histórias de moradores da cidade de Xambioá (TO).

Aqui temos reunidas dez histórias de pessoas de idades e origens distintas e múltiplas experiências de vida.

Membros do Conselho Comunitário de Xambioá passaram por um programa de formação que levou o grupo a se apropriar da metodologia para a realização do projeto de memória. Ao mesmo tempo os participantes foram se envolvendo na escolha dos entrevistados, no registro e na edição das histórias de vida, juntamente com a equipe do Museu da Pessoa.

O Conselho Comunitário foi criado por moradores da cidade de Xambioá que se dedicam a discutir e realizar junto à comunidade ações que fomentem o desenvolvimento de sua região. O projeto Todo lugar tem uma história para contar, patrocinado pela Votorantim Cimentos e realizado pelo Museu da Pessoa, veio ao encontro dos objetivos e anseios deste grupo.

As histórias de vida reunidas neste livro foram mantidas na linguagem coloquial, expressando a riqueza das narrativas pessoais. Essas histórias revelam a existência de mulheres e homens, sustentada em alicerces de luta e solidariedade construídos no seu cotidiano.

Com o projeto e com esta publicação, esperamos ter contribuído com a constituição de um legado diferenciado da história da cidade e sua difusão para diferentes segmentos e espaços sociais.

Convidamos os leitores a se encantarem com esses depoimentos de pessoas que expressam em suas histórias a diversidade e a riqueza desse lugar que é Xambioá, e que tem uma história para contar.

Museu da Pessoa



Manoel Gomes de Sousa

Era um furdunço de gente, garimpeiro demais

Eu nasci no dia 1º de fevereiro de 1923 em Pedreira do Maranhão. Não conheci pai, só conheci mãe. Mas eu não fui criado pela minha mãe que eu nasci dela. Eu fui criado por um tio, irmão da minha mãe. Fui morar com ele eu tinha cinco anos de idade. Ele me trouxe para passar uns dias, eu como era sobrinho dele, minha mãe deixou: “Mas você traz meu filho de volta”, “Trago”. Aí, passou, passou, nunca mais ele me levou lá, aí ele me criou. Era uma casa de palha na infância. Coberta de palha, tapada de barro. Quase não tinha tempo de brincar, que o meu pai colocava pra trabalhar. Trabalhava na roça. Eu tinha mais ou menos dez anos de idade quando fui para a aula a primeira vez. O professor passava lição para mim e dizia: “Olha, precisa pagar essa lição”. Às 11 horas, ele chamava e você tinha que dar era a lição toda. Com a palmatória ali do lado. Se não desse a lição direito, bolo! Amanhã tu ia para a mesma lição até quando aprendia. Era assim. Eu estudei pouco, porque naquela época era pago, não tinha aula pública, pago pelo pai. Aí, meu pai até tinha condição, mas ele me tirou logo cedo pra tomar conta de negócio mais ele, pra aprender a fazer negócio.



ERA MUITO GARIMPEIRO ARRANCANDO PEDRA.

Quando eu já tava grande, rapazinho, graúdo, nós largamos de trabalhar em roça, eu ficava nos interior comprando cereais, trazendo para a cidade, vendendo, ele tinha alguns animais, burro, jumento. Aí me entregou e eu fui andar no sertão comprando coisa e voltando para a cidade para vender. Quando eu já tava rapaz, rapaz novo, mas já tava querendo namorar e tal, arrumei uma namorada e casei. Aí fiz uma casa para mim mesmo e enfiei a mulher dentro. Nessa casa, nasceu dois filhos, uma menina e um menino. Dessa época pra cá, nunca mais tinha visto minha mãe, fui ver eu tinha mais de 20 anos. Ela me escreveu uma carta pra eu ir buscar ela, aí eu fui, já tava casado, tinha família.

Aí explodiu os garimpos pra cá. Deixei a mulher com esses meninos lá e vim para o garimpo do Clementino, e do garimpo do Clementino eu vim para cá para o Chiqueirão. Quando eu saí de lá, depois de poucos dias, a mulher morreu e os meninos foram criados pelo avô deles. Não cheguei a conviver com meus filhos. Passei 20 anos sem ir lá, quando fui eles já estavam casados, já tinham filho, já tinham tudo. Cheguei lá e fui bem recebido, graças a Deus. Eles não me conheciam, porque ficaram pequenos, mas me receberam bem, vixe Maria, ainda hoje... Só não tô morando lá porque eu não quero, a menina morreu, mas o rapaz tá lá, o filho. Agora mês de julho eu tive lá com ele dez dias.

Naquela época não tinha caminhão, só tinha tropa. Viajei um bocado a pé. Quando cheguei certa vez no Japão – chamava Japão, antigamente –, o rapaz me deu uma carona no burro, vinha para cá para uma cidade com a tropa sem nada, aí eu vim até um lugar que hoje chama Presidente Dutra, antigamente era Curador. De lá, eu vim de a pé até no Clementino, área de diamante do outro lado do Tocantins, já no Maranhão. Aí depois escolhi o Chiqueirão aqui, área de cristal. Meu patrão lá fez um rancho e me entregou mais um sócio que eu trabalhava com ele, chamava Raimundão. O patrão botou o rancho no jumento e viemos embora para cá tocar o garimpo, ele lá e nós trabalhava aqui. De lá para cá passamos sete dias viajando, com a carga no jumento, eu e o rapaz, meu sócio. E ele mandou uma carta de recomendação para um patrão dele que já tinha aqui, que lá ele era comprador de diamante.

Vim barrar aqui no Chiqueirão, ali no posto do Chiqueirão, foi pelo verão, o milho do rio tava seco, morria lá na carreira comprida, ficava beirando, beirando até chegar no posto do Chiqueirão. Cheguei no posto do Chiqueirão, tinha uma estradinha que vinha para o Coco, onde tinha o acampamento grande de garimpeiro. Era um furdução de gente, garimpeiro demais. Cheguei umas três horas da tarde, me arranchei lá, fiz um barracãozinho, eu mais o meu sócio, fomos trabalhar no garimpo.

Garimpo de diamante é o seguinte, tá aqui o Manchão, tu pega uma picareta e uma pá e vamos cavar, cavar, botando para cá a terra. Aquela montoeirona de terra. Se é perto da água, a gente dali já pega terra pra bater. Bota três peneiras em cima de uma outra, a pedra graúda sai na de cima, na do meio sai a média e a fininha só pega diamante fino. Então, você vai levar o cascalho lá na beira da água, só lava dentro da água, bota num saco ou bota num animal e carrega para lá, derrama lá todinho o cascalho e vai lavar. Às vezes você ainda pega alguma coisa, outras vez trabalha um mês, não faz nada. Vai da sorte. Às vezes, começa a trabalhar hoje, amanhã já tá com uma pedra na mão. E outra, você trabalha dois, três anos e não faz nada! Garimpo é assim, é arriscar! A senhora tem uma condição, eu chego aqui e procuro a senhora: “Dona, não tá precisando de um garimpeiro para trabalhar no garimpo para a senhora?”. Se a senhora tá precisando, diz: “Você quer trabalhar no garimpo?”, “Quero”, “Pois eu quero, preciso”. Aí, a senhora vai, compra uma pá e uma picareta e me entrega, aí me entrega um facão para roçar o mato e vai dar rancho para mim comer, pra eu aventurar para nós dois. A senhora vai me dar o de comer e eu vou trabalhar pra pegar cristal para nós dois. Se sair a pedra, a produção que sair é de nós dois. E se não sair, a senhora já gastou muito, não quer mais: “Seu Manoel, trabalhamos muito, não fizemos nada, não quero mais não”, a senhora perdeu o rancho e eu perdi o trabalho. É isso, a base do garimpo é essa.

Então tem aquela mata acolá, aí eu sei da notícia, vou para lá. Quando chego lá, tem uns amigos meus lá no meio, às vezes tem ainda muito serviço para roçar, eu chego com o facão, aí vou trabalhar naquele pedaço. E se já tá tudo de dono, chega num amigo: “Me dá um pedaço. Tu entra aqui, eu entro aqui, vamos tocar nós dois aqui”, ele me dá uma tora, é assim. Aqui, antigamente, não tinha dono. Não tinha. Nem aqui nem no Clementino, tudo era mata... era do estado. Eu cheguei aqui nesse lugar, em Xambioá, não tinha uma casa aqui dentro. Tinha um barracão na beira do rio acolá e uma casa lá do outro lado, perto da igreja católica. Mas não tinha rua aqui, tudo era mato, mata alta.

Era muito garimpeiro arrancando pedra. Era muita pedra por dia. Antigamente, tinha muito aqui. Eu nos dias em que eu trabalhei, eu lembro que peguei uma pedra só. E eu cavava fundo, eu era novo nesse tempo, tinha 29 anos, tinha força. Eu lá dentro no fundo jogando terra fora para pegar pedra como os outros tava pegando, mas não pegava, o garimpo não é para todo mundo. O garimpo é o seguinte, muitos chegam hoje, vêm do Maranhão, do Piauí, do Ceará, Pernambuco, chega hoje, arruma um patrão, amanhã vai para o garimpo de manhã, vai bem em cima da mancha de cristal, pega, vende e volta no outro dia, vai embora. E outros passa dois, três, quatro, cinco anos, morre no garimpo e não faz nada, tudo é por sorte.

A pedra do cristal, quando inteira, ninguém sabe se ela é boa ou se é ruim. O comprador compra arriscando. Se der boa, conforme o preço que ele comprou, ganha dinheiro, e se der ruim, perdeu dinheiro. Eu mesmo montei um garimpo bem ali, onde chama hoje Curição, naquela época meu garimpeiro pegou uma pedra e vendi por dez mil. Pedra bonita,



Cristal extraído
em Xambioá

ele mandou me chamar, eu fui. Cheguei lá, já tinha dois faisqueiros para comprar a pedra. Aí, vendi por dez mil, não tinha quem dissesse que aquela pedra era ruim. Recebi esses dez mil, botei no bolso e o que comprou a pedra foi quebrando devagar, abriu a janela para ver, que tem que abrir para ver se presta, foi quebrando, quebrando, só ruim, ruim, até quando acabou ficou só com o martelo na mão. Eu ganhei cinco e o garimpeiro ganhou cinco. Que não era eu que garimpava, era o meu garimpeiro. E o que comprou perdeu os dez mil. Mas só que naquela época dez mil para o nego ganhar era ligeiro também. Às vezes, comprava uma pedra por 200 reais, 200 cruzeiros ou 500 ou mil, aí vendia por dez, 20 mil. Era assim.

E sabe porque Manchão do Meio? Primeiro descobriu a Chapada do Chiqueirão. De lá fizeram uma vereda aqui pra Xambioá e descobriram outro garimpo em Xambioá, aí começou a evoluir aqui, passou a cidade, muita gente. Aí o Manchão do Meio ficou sem casa, mas chegou um morador, fez um barracãozinho. Até 54, tinha pouca casinha lá, na terra desse homem. Aí foi descoberto um garimpo na terra dele. Eu morava aqui para baixo da delegacia, tinha um jipe velho, peguei o jipe e fui lá olhar o garimpo. Cheguei lá, vi muito cristal, sacaria cheia pra todo lado, nego arrancando pedra de todo tamanho. Aí, porque descobriram o garimpo, decidiram que ia chamar Manchão do Meio: o Manchão entre a Chapada e o Xambioá. Aí foi crescendo o povo lá, chegando, fazendo casa, criou um povoado. A Chapada do Chiqueirão é a mãe dos outros garimpos tudo. O povo foi saindo, cavando para aqui, para acolá, foram descobrindo. Descobriram aqui o Xambioá, que era um garimpo bom também, muito cristal. Descobriram a Pedra Preta, ali na frente do beira-rio, Pedra Branca, Pedra Preta, tudo é garimpo desse lado de cá. Lá na frente, Araguanã, tem um lugar que chama Rebolho de Araguanã, não sei se você já ouviu falar, deu muito cristal, muito mesmo. E aí foi indo. Essa região nossa por aqui toda é cheia de garimpo, toda cheia de cristal e toda foi explorada.



Cecília Alves Lopes do Carmo

Eu comecei a construir o hotel só Deus sabe como

Eu nasci no dia 6 de abril de 1932. Nasci no sertão, próximo a Vitória do Maranhão. Meu pai faleceu antes de eu nascer. Era agricultor, mas não tinha fazenda, trabalhava de vaqueiro. Minha mãe era Maria Joana Alves Amorim. Ela era baixinha, gostava de fiar algodão e fumava cachimbo. Eu sou filha única desse primeiro marido da minha mãe. E aí minha mãe casou de novo e teve cinco filhos do outro. Hoje só tem eu e uma que mora em Goiânia.

Eu passei pouco tempo lá onde era meu avô, minha avó, minha mãe, minhas tias. Não fui criada com minha mãe. Uma senhora, madrinha minha, me pegou pra criar, mas já com nove anos. Era a senhora Úrsula Pereira. Nessa época, nós éramos três pessoas que estavam na casa daquela família. E ela tinha muito filho. Quando cheguei lá, minha sensação foi uma coisa muito diferente da vida que eu vivia praquela vida. Uma casa muito bonita na cidade, as comidas diferentes. Passei a ter uma escova de escovar dentes, que eu não tinha. Começou a civilização, né?



AS PESSOAS ANDAVAM TODAS ARMADAS.

Frequentei escola até o terceiro ano primário. Lá em Riachão, bem aqui perto de Balsas-MA. Me lembro muito bem de nossas brincadeiras, do hino que a gente cantava: Adeus escola querida, adeus ninho de amor, jardim florido da vida, canteiro de almas e flor.

Eu conheci meu marido lá, ele trabalhava de mecânico. Até que minha madrinha não queria que eu casasse com ele, eu fugi e casei. Mas depois tive que largar porque o cabra não prestava mesmo, era bêbado de cachaça. Ele disse: “Se tu me largar eu te mato!”. Aí aproveitei um dia que ele saiu pra receber uma conta e eu fugi. De lá da fazenda onde nós estávamos, que ele estava consertando um engenho de ferro, corri duas léguas mais uma mocinha que me deram. A mulher disse: “Leva, dona Cecília, leva pra senhora”. Eu digo: “Ô, minha filha, eu não tenho casa, eu não tenho onde morar, eu estou separando do marido, não quero que ele nem saiba”, “Não, mas eu vou deixar ela ir”. Aí deixou ela ir comigo. Aí nós corremos até Miracema, duas léguas de pé no tombador de areião quente. Em Miracema tinha um irmão meu, irmão de criação porque era filho da mulher que me criou. Ele era prefeito na época, seu Eurípedes Coelho. Eu não conhecia nem Miracema, cheguei na ponta da rua e procurei onde era a casa do Eurípedes, aí me ensinaram e eu fui ligeiro com medo do cara me pegar. Quando eu acabei de chegar, não passou duas horas ele chegou lá na porta. Aí o tio Eurípedes já tinha chamado o sargento, o juiz, já estava tudo lá que era pra desquitar o casamento. Mas ele não assinou de jeito nenhum. Eu dentro de um quarto trancada, saí só pra assinar lá. E ele falando toda vida que ia me matar.

Eu passei muitos dias lá na casa do tio Eurípedes e eles me embarcaram pra vir pra Pedro Afonso, onde morava minha mãe. Eu tinha saído da casa da minha mãe pequena e ia voltando daquele jeito. E gestante. Peguei e dei essa moça pra mulher do meu tio. Eu tinha pena, mas eu não tinha nada, mamãe não tinha nada lá em Pedro Afonso, eu ia pra lá e só Deus sabia como a gente ia viver, porque minha mãe vivia de lavar roupa, eu fui lavar roupa mais minha mãe. Desde que eu saí com nove anos não via minha mãe. Foi muito bom porque você sabe que encontrar a família, pode ser qualquer hora de qualquer situação que você esteja, que é muito bom.

Eu vim pra Xambioá já depois que eu morava lá em Pedro Afonso com a minha mãe, vim por causa de uns negócios do garimpo. Como se diz, a notícia do garimpo. Que aqui a pessoa se fizesse um biju, vendia, se fizesse um cuscuz, vendia. Então a gente veio. Saí eu, a comadre Sinhá e o Duzentinha. Viemos de cavalo e em Couto Magalhães embarcamos num motor, daqueles grandes, a coisa mais bonita. Eu tenho pra mim que foi um dia e pouco. O vapor andava o dia e um pedaço da noite, ficava mais tarde ele parava e todo



Retrato de Cecília
quando jovem.



mundo dormia. Todo mundo tinha sua redinha, atava, que o motor era grande, e quem não podia atar rede, como eu mesma e a comadre Sinhá, tinha aqueles bancos, a gente forrava e dormia ali. Quando estava de dia era muito bonito, muito bonita a paisagem. Esse rio tinha muita água. Hoje acabou-se, está só secando. Dá uma tristeza você passar na beira desse rio. Eu olhando ali, a gente passando ali e a água lá, eu olhando ali, a tristeza que está esse rio. Pouca água, as pedras quase tudo de fora.

A comadre Sinhá já tinha essa casa reservada pra ela e era tudo de palha, não tinha aqueles batentes, não tinha nada. Aí eu fiquei uns dez dias na casa dela enquanto achava casa pra alugar. Comadre Sinhá costurava calção pra vender pro povo, esse povo de garimpo, e eu também ajudava ela. Ela que tinha máquina e eu não tinha, então eu ajudava ela. Foi tempo que eu conheci o doutor Gonçalves. Eu chegando de lá e ele chegando de Belém, ele e doutor Antônio Coelho. Eles vieram também procurar um jeito de trabalhar, de ganhar dinheiro, porque ele era médico e o Gonçalves era formado em Odontologia. Então o doutor Antônio arrumou uma senhora também que era separada do marido e o Gonçalves arrumou eu. Aí começamos a viver juntos e tive as filhas. Tive Consuelo, Dênia, Franci, e a Berenice era filha do primeiro marido. Ela até é formada em Letras, a Berenice. A Franci é veterinária, mora em Brasília, é casada com um veterinário também. As outras duas moram em Palmas. Eu fico aqui, elas querendo me tirar daqui e eu não vou.

Numa ocasião, eu adoeci e fui fazer uma operação de apêndice em Goiânia. Um padre fazia visita lá no hospital, confessava as pessoas que estavam doentes, que estavam ali internadas e levava a comunhão também. Então eu fiz uma promessa que quando chegasse eu ia pôr uma pensão com o nome de Nossa Senhora de Fátima. E foi assim que eu fiz. Aí botei uma placazinha ali, um pauzinho enfiado na placazinha: “Pensão Nossa Senhora de Fátima”. Quando eu melhorei que construí lá, melhorei tudo, graças a Deus, aí eu botei: “Grande Hotel Nossa Senhora de Fátima”. Era o nome dele.

Eu comecei a construir o hotel só Deus sabe como. Foi construindo aos pouquinhos. Mas antes de ter o hotel as pessoas já ficavam em minha casa. Porque tinha quatro quartos ali embaixo. Eu comprei umas panelinhas, comprei uns pratos. Comprei fiado e fornecia refeição. Eram hóspedes aquelas pessoas mais pobres, que vinham de Araguaína pra ven-

der alguma coisa aqui em Xambioá. Que aqueles ricos não ficavam porque queriam ficar num lugar que tivesse banheiro. Eu cansei até de tirar água de noite e botar na lata d'água pra botar no banheiro pro sujeito banhar, eu cansei de fazer isso.

Era bom o hotel, eu gostava porque eu sempre gostei de me movimentar, de fazer as coisas, de trabalhar. Então o meu serviço eu achava bom. Depois não dava mais refeição, só hospedava, que foi depois que eu construí aquele lá.

Na época do garimpo as pessoas andavam tudo armadas, com aquelas cartucheiras amarelas de bala aqui, ó, e o revólver do lado. Era desse jeito. Na cidade, a mudança nesse tempo todo foi chegar mais a civilização, isso mudou tudo. Ninguém anda mais armado, ninguém vê mais uma cartucheira cheia de bala, então foi melhorando, graças a Deus. Mas eu não tinha medo, não. Tinha gente que tinha: "Ai, meu Deus, eu tenho medo, não posso nem ver essa arma", "Mas menino, no tempo do Gonçalves eu dormia com os rifles cheios de balas embaixo da cama".

No período da guerrilha, eu hospedei o Paulo Rodrigues. Sem saber quem é que ele era, não sabia. Eles diziam que esse Paulo era dos que estavam lá na mata, era povo da guerrilha. Ele chegou de avião, almoçou, dormiu, saiu no outro dia pra mata. Ninguém sabia o que estava se passando lá na mata, ele falou que tinha um povo lá procurando minério. Então a gente pensava que ele era um desses. Os primeiros militares que chegaram foi dia 11 de outubro de 72. E hospedou no hotel.

Essa turma do Osvaldão que ficava na mata, eles vinham pra cidade, ficavam ali na Rosa. Eles tinham relação com os moradores. Eu sei que ele veio naquele jipão grande trazer um bocado de coisa. Aí onde tinha uma caixa grande assim, uma caixa de madeira pesada demais dentro desse jipão, era quatro pessoas pra pegar. Aí o Pedrinho, que era o dono da pensão onde eles iam ficar, perguntou pra ele: "Mas o que é isso tão pesado aqui?", "Não, isso daí é picareta que nós estamos mexendo com garimpo". Mas era só arma.

Quando o Exército chegou, eles não atacavam ninguém, só que eles entravam nas casas, podia ser de quem quisesse, eles entravam nas casas pra procurar as armas, muitas vezes querer obrigar a pessoa a falar coisa. Entraram em minha casa. A gente já estava mais ou menos informada, já sabia que estava acontecendo nas outras casas, a gente corria e escondia as coisas. Eles pegaram uma faca minha desse tamanho dentro do meu guarda-roupa, pra que é que eu queria aquela faca. Eu digo: "Pra eu me defender de alguma coisa". Eu não tinha medo de falar, de jeito nenhum. E foi um problema, teve muita gente que sofreu, mas graças a Deus eu não sofri nada. Eles me trataram muito bem. Eles remexiam tudo, acharam uma bala ainda da bereta do Gonçalves, do segundo marido meu, que a gente já era separado. Eles acharam a bala. "E de quem é essa bala aqui?". Eu digo: "Isso aqui era do meu marido, nós somos largados", "E onde é que ele está?", "Já morreu". Mas ele estava bem em Cristalândia, graças a Deus.



Sebastião Gomes da Silva

Eu era desenvolvido, mas eu não era político não

Nasci no dia 14 de dezembro de 1923, em um lugar denominado Mata do Nascimento, município de Codó, no estado do Maranhão. Meu pai e minha mãe não tiveram a opção de estudar, vou dizer logo, analfabetos todos os dois, mas trabalhadores na expressão máxima. Eles trabalhavam com plantio de cana. Meu pai produzia cachaça, açúcar moreno e rapadura. E tudo que ia produzindo, ele ia vendendo. Quando sobrava, ele guardava num vasilhame próprio pra depositar aguardente. Uma vasilha daquela pegava dois mil litros e produzia que dava para vender, e quando chegava eles iam tirar daquela dona, chamava dona, era cheirosa, eu achava cheirosa, não dava vontade de beber não, mas eu achava muito cheirosa.

Nós levamos uma vida regular, graças a Deus, minha vida de criança foi muito boa. Eu tinha dois irmãos e nossa casa era sempre farta, tinha de tudo. Depois, meu pai achou por bem mudar para o estado de Goiás, para ver como são as coisas. Nós viemos morar a uma distância de no máximo 150 quilômetros de Palmas, para aquele lado ali. Eu tinha 12

anos de idade. Meus dois irmãos, meu pai pagava professor para ensinar em casa, e eu fui ficando pra trás, já com 12 anos de idade. Minha mãe começou a se preocupar, “Como é? Miguel e Cícero já sabem ler e escrever e tudo, não é muito, mas já sabem, e Sebastião não sabe ler nada, é para ele ficar assim?”. Aí foi que meu pai tomou a resolução de vender a fazenda, que ele chegou a possuir uma fazenda lá, vendeu e viemos morar em Tocantínia, perto de Miracema, que foi capital aqui do estado. Aí, tinha um colégio muito bom de evangélico, a dona desse colégio era uma moça velha do Rio de Janeiro, ela organizou um colégio e ensinava muita gente. Meu pai me matriculou lá, foi uma maravilha pra mim esse colégio, devo tudo a esse colégio. Não estudei muito, mas fiz segundo ano, terceiro, cheguei ao quinto e aí já tava na idade de 15 anos. Foi quando surgiu os garimpos de cristal aí perto de Porto Nacional e meu pai saiu para o garimpo. Só alcancei o quinto ano, mas me serviu demais aquele quinto ano. Muito, muito mesmo. A professora era muito boa com todos nós e principalmente comigo, foi uma educadora sem defeitos, me dediquei à matemática, estudei a tabuada toda, decorei... Tanto que depois, quando não tive mais a oportunidade de estudar, fui trabalhar em garimpo.

Eu vim já pra Xambioá à procura de garimpo, foi quando foi descoberto o Chiqueirão aqui. Veio eu, veio o meu irmão, veio o meu pai para esse garimpo aí do Chiqueirão, que é perto do Cimento. Cimento era rodeado de garimpo e aqui foi para todo lado, apareceu garimpeiro em tudo quanto é lugar. Muita gente veio com a notícia do garimpo. Foi aí que começou o povoado de Xambioá.

Isso aqui começou assim, um canoeiro andando por aqui, ele se agradou muito por um terreno aí perto da igreja matriz; ele viu a terra roxa, muito boa, foi para casa num povoado ali do outro lado, chegou lá falou pra mulher dele: “Eu vi um lugar aí que eu tô com vontade de fazer roça, fazer plantio, mas depende de você, porque você é minha mulher, você que sabe se você quer ir para lá, lá é isolado”. Aí ela disse: “Vou para onde você me levar, não sou sua?”, “Então arruma aí”, arrumou, vieram de canoa, fizeram a roça atrás da igreja. Chamava ele de Zé Toco porque ele era baixotinho, mas o nome dele era João Batista Gomes. Foi ele que colocou o nome Chambioazinho, por causa de um ribeirão.

Francisco Oliveira foi o fundador disso aqui, depois que comprou o sítio de cana desse Zé Toco. E disse: “Esse nome Chambioazinho eu não quero não”, aí ele fez uma placa e colocou lá no ponto da voadeira, fincaram lá um pau escrito Porto Oliveira. Aí perguntavam: “Por que que o senhor coloca esse nome de Porto Oliveira?”, “Porque tinha o meu nome de Oliveira, isso aqui futuramente vai passar a cidade, isso aqui vai desenvolver muito, tal”, mas os garimpeiros não chamavam Oliveira não, todo mundo só chamava Chambioazinho, até que um dia ele ficou com raiva, foi lá, cortou de facão os paus que tinha, cortou a placa que ele colocou: “Esse povo não quer chamar Porto Oliveira, né, não quer me valorizar, deixa chamar Chambioazinho”. E assim foi que passou a cidade e eu fui nomeado primeiro prefeito do município novo de Chambioazinho.



XAMBIOÁ PRODUZIU O MAIOR BLOCO DE CRISTAL DO MUNDO!

Isso foi assim: Juscelino tava mudando o Distrito Federal, a capital tava construindo já, mas o governo com vergonha, porque estado tão grande, só tinha 140 municípios no estado de Goiás. E aí, José Ludovico entendeu de construir novas cidades, e sabe o que que ele fez? José Freire era deputado estadual e era presidente da assembleia legislativa, chamou o José Freire lá no palácio e disse: “Olha, vamos aumentar o número de cidades no estado de Goiás, que Juscelino tá mudando o Distrito Federal e já tá vindo material para construir a nova capital. Você aluga um jipe aí, um carro pequeno, alguma coisa e vai percorrer todo o estado de Goiás para escolher os distritos mais desenvolvidos, anote direitinho e traga aqui para nós emancipar”. José Freire escutou, foi por Goiás todo, Bico do Papagaio, tudo... e aí, chegou lá e prestou conta: “Tá aqui”, e Chambiozinho era um desses distritos que ele anotou, né? Emancipou.

Isso aí foi rico, chegou até aqui oito firmas exportadoras de cristal para o Rio de Janeiro. Elas beneficiavam, levavam para Carolina, despachavam para o Rio de Janeiro. Uma delas era nossa: eu com o meu irmão, nós formamos uma firmazinha aí, todo mês a gente ia vender no Rio de Janeiro, chegamos a levar pastinha de tonelada! Sabe o que é cristal de rocha? Pedras, blocos, limpas... Eu fui comprador aqui em Xambioá, eu entrei para cá, comecei a comprar e o dinheiro aumentou um pouco, eu passei a vender no Rio de Janeiro, passei um período que todo mês eu ia para o Rio de Janeiro, duas viagens. Avião pequeno até Carolina, já levando cristal, lá despachava que tinha coletoria para tirar a guia, e tinha vez que eu viajava no mesmo avião que levava o meu cristal. Na hora de beneficiar o cristal era comigo mesmo, eu é que era o especialista.

Tinha pedras grandes. Cem quilos num bloco só... Xambioá produziu o maior bloco de cristal do mundo! Essa pedra deu no Manchão do Sarampo, perto da Chapada do Chiqueirão. A pedra foi assim, era um grupo de seis garimpeiros, cavaram, cavaram, aprofundou o buraco, para baixo não deu nada e na ribanceira tinha assim uma indicação como ali podia ter algum cristal. Aí um garimpeiro falou comigo: “Sebastião, eu quero cavar ali pra ver, pode ter algum cristal naquele...”, tinha segmento, tinha forma, tinha pedra pequena de cristal, tudo. Aí, nós arranhou uma escada, colocou e foi cavando a ribanceira. Quando essa pedra caiu lá embaixo, foi deslocando ela todinha, não tinha ninguém lá embaixo não, todo mundo ficou com medo, quando ela caiu, ela partiu bem no meio. A ponta dessa pedra deu um pedaço de 286 quilos, limpa, pura, pura, pura. Era uma

jóia! E o lado do pé eu quebrei, tirei pedaço de cinco quilos, de três, de quatro, um monte de pedaço pequeno, deu uma partidazinha. A pedra era muito grande, chegou muito comprador. Nós fizemos uma sociedade de mais de dez para poder comprar essa pedra. Todos nós ganhamos muito dinheiro.

Conheci minha esposa aqui mesmo, foi no período em que eu já levava cristal daqui para vender no Rio de Janeiro. Ela era filha de uma mulher que tinha pensão aqui e internou ela no colégio de freira em Imperatriz. Ela usava cabelo grande, com laço, eu me encantei quando eu vi ela. “Eu quero uma conversa séria com você, não vai dizer que não, eu já tô pensando em casamento, você continua em seu colégio lá, mas não é para esquecer de mim de jeito nenhum, eu vou escrever para você todo mês”. E até que deu certo. Ela voltou para Imperatriz e foi estudar. Ela me escrevia, eu escrevia para ela, aí depois deu casamento. Terezinha foi professora aqui muito tempo, aposentou por tempo de serviço.

Parece incrível, mas eu era um caboclo ajeitado, desenvolvido, viajando para o Rio de Janeiro todo mês, tratando o negócio com aquele povão rico do Rio de Janeiro, comprador de cristal, eu era desenvolvido, mas eu não era político não. Mas aí o meu irmão Miguel Gomes era um caboclo trabalhador e preparado, e o João Saraiva, que era o maior chefe político daqui, tinha amizade com o meu irmão. Ele me escolheu porque a gente tinha influência com os garimpeiros, então João Saraiva trouxe a nomeação sem me dizer nada. Quando foi para instalar município, como fosse amanhã, hoje que eu fiquei sabendo que eu que ia assumir o cargo de prefeito.

Meu irmão foi quem me deu a notícia. O João Saraiva: “Aqui a nomeação do Sebastião para assumir a prefeitura”, “E o Sebastião já sabe?”, “Não, não sabe não”, “Ih, então vou dizer pra ele”. Aí, eu tava em casa ali no barraco: “Sebastião, tenho uma novidade aqui pra ti, te prepara!”, “O que que é, rapaz?”, “Olha aqui, nomeação pra prefeito da cidade Chambioazinho”, “Sou eu mesmo?”, “É você mesmo”, “Rapaz, por que que João Saraiva não se comunicou comigo?”, “Não, ele diz que aqui tinha que ser do jeito dele e ele nomeou Sebastião para assumir a prefeitura e disse para tu se preparar”, aí eu fui me trancar e escrever, fui fazer um discurso.

Pra funcionar, começar tudo do zero, nada é fácil. Eu ficava ali dentro, os funcionários e o prefeito, Antônia Respaldi era tesoureira. Não sei pra quê, dinheiro não tinha. E tinha o Joaquim José de Carvalho, que era o secretário da prefeitura. Foi esse que me desanimou muito quando eu falei que ia mudar o nome da cidade: “Joaquim, vamos mudar o nome dessa cidade, Chambioazinho, que troço enjoado, Chambioazinho, diminutivo. Eu quero que você a partir de hoje não mande nenhuma correspondência para Goiânia e nem para lugar nenhum desta prefeitura com o nome de Chambioazinho, você põe Xambioá e é com x”. E ele: “Eu vou fazer isso porque você tá me mandando, mas eu não tô achando bom isso não. Será que vai dar certo?”, “Se não der não deu, mas faça do jeito que eu quero”, aí começou.



Donato Carlos Martins Miranda

Holanda, Estados Unidos, França compravam madeira da nossa mão

Nasci em 17 de fevereiro de 1948 na cidade de Itaguatins, hoje em Tocantins. Meu pai era piloto de barco, viajava no rio. Ele nos deixou eu tinha cinco anos de idade. Foi quando nós chegamos aqui em Xambioá, vindo de Apinagés, ponto do encontro do rio Tocantins com o rio Araguaia. Era tempo de garimpo, então nossa família que era só mulher, eram quatro irmãs, meu avô e minha avó, resolveram vir para cá. Chegamos aqui no dia 22 de fevereiro de 53, não tinha nada, poucas casas. Nós fomos morar num barracão de um conhecido lá da nossa cidade, barracão de garimpeiro. Ficamos alojados lá por uns dias, aí foi arrumando, fizemos uma casa e ficamos morando aqui até hoje.

A minha mãe era uma mulher trabalhadora, vivia lavando roupa, engomando para garimpeiro, faisqueiro, para me sustentar. E eu, aos oito, nove anos de idade, comecei a trabalhar, engraxar sapatos, tirar lascas de cristal... Quando vinham uns motor grande na época de cheia, vinha carregado de querosene, gasolina, tudo em lata, saco de sal de 20 quilos, a gente juntava uma turma de meninos e descarregava rapidamente o motor. Quando era de noite, tava com as costas que não aguentava. Mas era um divertimento, na proporção de arrumar um trocado.

Aos seis, sete anos, minha mãe me colocou numa escola particular. Era um professor que chegava aqui: “Vou abrir uma escola, quem é que quer botar os meninos na escola?”, aí ia matriculando. Na época, não tinha escola municipal, nem estadual, não existia. Era na casa de pessoas mesmo, em residências que tinha um salão, aí cada um levava sua cadeirinha, sentava lá. Era muito precário. Aí quando montaram o colégio foi a cidade em peso. Também só tinha esse, era o Colégio José Bonifácio. Era três salas de aula, depois eles foram aumentando, construíram mais duas salas. Hoje é um grande colégio. Essas primeiras salas de aula foram adquiridas no mandato do Sebastião Gomes. Era um prédio com um pátio muito grande, onde a gente brincava. Os recreios eram do lado de fora, no pátio.

Minha mãe era muito rígida, não tinha folga assim de brincar. Eu gostava muito de rua, sempre ela dava chicotada quando eu tava na rua, sempre foi muito cuidadosa comigo. Depois de uma certa idade, eu passei a morar com minha tia, mas convivía também junto, que era pertinho, as casas vizinhas. Não sei nem por quê, mais afinidade que tinha com a tia. Minha infância não foi sofrida, porque como filho de pobre eu era um dos caras que mais trajava bem, minha tia fazia tudo junto com a minha mãe para eu andar bem trajadinho. Ninguém quase tinha bicicleta, uma das primeiras bicicletas fui eu que ganhei da minha tia. Era vermelha, da marca Hércules.

Nunca fui no garimpo. Aqui tinha uns escritórios de compra de cristais, então o garimpeiro trazia os cristais, os faisqueiros compravam dos garimpeiros e traziam para beneficiar aqui. Então, quando eles quebravam para deixar limpo, ficavam aqueles pedaços, e daqueles pedaços que a gente ia beneficiar para vender os pedacinhos, fragmentos, vender no quilo. Era o aproveitamento que a gente fazia do que sobrava das pedras grandes. Cheguei a ver pedra de cristal aqui de 400 quilos, puxada num carro de boi. Ficou exposta no meio da rua uns oito dias até reunir os compradores, aí cada um tinha uma porcentagem e iam beneficiar para deixar só o bloco pronto para exportação.

Na juventude, sempre a gente saía com um amigo, com dois, mas era tudo perto uma coisa da outra, não tinha dificuldade para sair. E outra, tinha que voltar cedo, porque quando surgiu a luz, era só até nove horas da noite. Aí quando dava sinal, você já tinha que correr. Depois, ela foi prorrogando, ficou até 12 horas, quando dava 11 e meia, já dava o primeiro sinal de luz, você já tinha que abreviar para ir embora. A iluminação era precária, não eram todas as ruas que tinha, era só um grupo gerador, que nem era de alta potência, para fornecer energia para toda a cidade.

Sempre namorava, era bonito, galã. Conheci minha esposa através de amizade de juventude, ela trabalhava numa loja e começamos a namorar. Com três anos, eu me casei. Casei no dia 10 de setembro de 72 e tivemos quatro filhos. Quando foi no dia 10 de janeiro de 82, ela faleceu num acidente envolvendo ela, uma filha minha, uma moça que morava comigo, o vice-prefeito da cidade, um motorista e um filho do vice-prefeito. Foram seis pessoas... Foi aqui nessa estrada, nós fomos presenciar um casamento lá em Ananás, e na vinda o



DAVA ESSA MADEIRA DE GRAÇA PARA OS ESTRANGEIROS.

carro que eles vinham desgovernou-se numa ponte e caiu dentro da água. Morreram essas pessoas afogadas e eu foi quem tava no outro carro na frente e vi quando o carro caiu. Parei, fui socorrer as vítimas, mas não tirei mais ninguém com vida. Um ano depois eu casei novamente. E com essa minha esposa eu tenho mais um filho.

Eu fui o primeiro secretário da junta de alistamento militar aqui em Xambioá. Daí saí e fui trabalhar no escritório de uma madeireira. Trabalhei um ano e pouco, fui para o escritório de outra madeireira lá no Pará, na região de Pedra Branca, município de São Geraldo. Quando saí de lá, voltei novamente para a prefeitura, trabalhei seis anos no mandato do Manoel Dias, depois mais seis anos no mandato de Everaldo. Fui vereador na época do mandato de Everaldo. Tive 168 votos, fiquei como segundo suplente. Depois uma vereadora se afastou, eu assumi por seis meses, depois o primeiro suplente morreu, o titular voltou ao lugar e eu passei a primeiro. A doutora Cândida, que era vereadora, foi embora e eu assumi o restante do mandato. Aí eu fiquei um ano e seis meses como vereador.

Quando eu trabalhava na madeireira Marcellinense, Holanda, Estados Unidos, França compravam madeira da nossa mão. Nós serrava aqui, mandava tudo para o porto de Belém. A primeira indústria madeireira chegou aqui em 78, 79, vindo do Espírito Santo, lá de Vitória. Como não tinha estrada, não tinha como carregar essa madeira antigamente. As toras desciam o rio anexadas umas às outras, cada uma com um grampo, e passava um cabo de aço dentro do grampo. Fazia a jangada com 25, 50, 100 toras e levava pelo rio. Só que elas eram controladas por barcos, voadeiras grandes, motor grande também que era quem controlava elas na descida do rio. Então os barcos juntavam tudo, quando chegava na época de parar, diminuir como parava aqui, aí os barcos encostava tudo, fazia força, funcionava tudo empurrando ela na terra para amarrar a jangada, porque daí iam separando os pedaços para descer no lugar que era seco, às vezes para passar em canais. Depois tornava juntar e descia até Tucuruí. A maior parte só era mogno. A turma toda se divertia quando a jangada vinha, corria para banhar em cima das toras.

Os pedidos do exterior vinham de Belém via rádio para nós, e era eu quem preenchia a nota fiscal. Para você ver o tanto que o Brasil perdia, como eu acredito que perde ainda hoje: só a madeira de segunda era vendida aqui, e nela você cobrava o IPI, o ICM, mas quando era para exportar nós tinha um carimbo que batia em cima da nota: “Madeira isenta de IPI e ICM por destinar-se a exportação conforme a lei número tal, artigo tal, tal, tal”. Eu perguntei um dia para o rapaz lá do escritório: por que que quando a gente vende

a madeira para cá cobra imposto e quando é para exportação não tem nada? Ele disse: “Isso aí é para facilitar a entrada do dólar...”. Quer dizer, dava essa madeira de graça para os estrangeiros, madeira tipo exportação. E era só madeira de primeira, a maior parte era mogno. Agora acabou a madeira. Você não vê madeira. Logo depois, começaram a cortar as castanheiras. Hoje não existe mais castanheira, tanto porque cortavam como por ela não aguentar fogo, porque aí foram abrindo fazenda, ia queimando tudo. Então, hoje, até a castanha-do-pará tá difícil.

Quando acabou os garimpos, ficou aquela vida rotineirazinha, de cidade formada depois de garimpo, comércio, alguma pecuária, movimentação muito pouca. Diminuiu o fluxo de pessoas, porque saíram para outros garimpos, uns saíram para Araguaianã, para Arapoema, foi ficando só o pessoal que já tinha residência fixa mesmo, e com a madeireira também não evoluiu muito porque a família do pessoal que veio era muito grande, então só eles abasteciam o serviço. Quando foi vendida, ela foi vendida, foi que eles saíram, aí empregou o pessoal da cidade. Ajudava, mas não era assim, era uma faixa de uns 50, 60 funcionários, mais ou menos.

Existe uma grande parte de fazendeiros, que é a pecuária. Tinha agricultura, hoje não tem mais, porque ficou tudo monopolizado na mão de fazendeiros. Hoje, essas grandes invasões, assentamento, tal, é uma forma de eles invadirem e ficar com a terrinha. Eles estão repovoando de novo. Mas não é lá esses plantios, não se planta mais igual se plantava antigamente, e aqui era um dos maiores produtores de arroz da região. Saía na base de 60, 70 caminhões no mês carregado de arroz daqui para Anápolis na época de 60, 70, por aí assim. Vinha comprador de Anápolis comprar arroz aqui, traziam caminhões e saíam carregados de arroz. Hoje, o pequeno lavrador compra o arroz aqui.

Quem plantava era o pequeno produtor. Mas muita gente daqui foi pra região de São Geraldo, porque vendiam a terra aqui, compravam três vezes mais lá. Então, o pequeno produtor hoje tá igual o grande produtor, porque eles não querem plantar milho, eles não querem plantar arroz, querem criar gado, então tá do mesmo jeito do grande produtor: pecuária.

Eu não saio daqui, posso ganhar na loteria, mas quero morar aqui. Só olhar para esse Araguaia... Tristeza é só que não tem mais o que tinha antigamente de peixe. Você juntava uma turma: “Vamos ali no Porta Aberta”, a gente chamava de Porta Aberta, era pegar um barco e vim aí na entrada dessa cachoeira, botava uma malhadeira e daqui a pouco você tava com um horror de peixe assando, comendo, bebendo pinga e comendo peixe. Hoje em dia, você desce aí, passa o dia todinho, você não vê peixe, acabou. E a tendência é acabar mais. Faz muitos anos que eu não tinha visto seco como ele tá com essas praias bem aí na frente, só vi uma vez em 60, saiu essas praias de cascalho e tá saindo agora, em 2016, em muitos anos ele não secava igual agora. É uma tristeza.



Jaldo Bento Antunes

Esse rio é camarada, porque ele enche bem devagarzinho

Nasci em 15 de abril de 1938, em Caracol, Piauí. Meu pai, eu tenho uma lembrança dele, ele era açougueiro, muito alegre, e gostava de amansar animais. Nós não tinha muito contato, aí aos 13 anos eu vim embora do Piauí e a gente já não se viu mais. Eu fui criado pelos meus avós. Eu era muito peralta, mas tudo o que eu fazia, para os outros era ruim, mas para a minha avó tava bom. Eu me recordo que ela dormia numa esteirinha e eu sempre deitava do lado dela. E ela gostava do pescoço da galinha, então a metade desse pescoço era dela, a outra metade era minha, e ai de quem ousasse pegar a metade que não era dela. Era reservada para mim. Avô é um animal que os filhos amansam para os netos andarem montados.

A minha mãe me deixou em poder de meus avós e veio embora pro Goiás. Depois dos 13 anos que ela apareceu lá e já me trouxe aqui para Goiás. Inclusive, eu não chamava ela de mãe, chamava de dona Raimunda. Foi aquela alegria quando a minha mãe chegou lá. Agora, na hora de me trazer, eu não queria não, e nem meus avós. Mas aí cheguei aqui. De Floriano nós viemos num avião grande da Cruzeiro, eu me recordo até hoje que eu gostava muito de torresmo, e eles: “Não pode comer torresmo porque vocês vão de avião”.



HOMEM NENHUM FAZ MAIS ISSO, NEM EU MESMO.

De Santo Antônio de Balsas vim de pau de arara até Carolina do Maranhão. Foi difícil demais essa viagem. Não lembro quanto tempo demoramos, mas foi muitos dias. Quebrava caminhão, atolava naquele mundo, São Domingos do Azeitão, Pastos Bons, era tanto lugar que tinha nessa estrada. Eu cheguei a passar 63 anos depois nesse lugar, mas não conheci mais nada. E de Carolina do Maranhão para Chapada do Chiqueirão, nós viemos de avião teco-teco.

Eu não estudei porque não quis, mas minha mãe tentou, ela me mandou num barco para estudar em Conceição do Araguaia. Simplesmente eu me apaixonei pela coisa ruim e já fiquei. Naquele tempo não tinha estrada, nós fomos para a antiga Santa Leopoldina nas cabeceiras do Araguaia, buscar carga lá, era coisa do outro mundo, mais de mês viajando. Aí, foi só a conta de eu ficar, foi minha perdição, comecei a viajar dentro do rio. Eu tenho história de pegar boi no Porto Lemos que é longe daqui, aí amarrava na cabeça, um pra lá, um pra cá, encostava aqui e levava para Marabá passando nessa cachoeira da Santa Isabel. Homem nenhum faz mais isso, nem eu mesmo. Depois eu entrei pra trabalhar na balsa, fazendo viagem para fiscalização. Vai pra lá, vai pra cá, quando resolveram tirar aquela balsa daqui os fiscais juntaram todo mundo e me transferiram para pilotar a voadeira deles. Naquela época não tinha os meios de transporte aqui, aí fizemos uma cerca nela e atravessava mudança, até gado nós atravessava nela. Só tinha ela.

O Donato botou o meu nome de Farofino, que era achador de defunto. História de defunto, se eu fosse contar aqui, ia a noite toda. Vou contar só uma. Um dia morreu o irmão da dona Adelina lá em Porto Lemos, pra baixo um pouco. Estava na praia, o filho dele foi se afogar, ele caiu, caiu o funcionário dele. No final da conta, ele morreu, o rapaz morreu e o filho saiu. Aí um moço de nome Arizão chegou e disse: “Tucurão (era meu apelido), nós temos uma missão, nós vamos buscar o irmão da dona Adelina”, “Bora”, aí preparamos tudo e saímos os dois.

Chegamos lá, tinha uns acampamentos, tinha barco de toda coisa e disseram: “Morreu aqui”. Aí, pela minha experiência, se você mexer a água de um jeito, você quieta, se o cobra tiver ali, vem a voz do defunto. Eu dei não sei quantas voltas até que a terra levantou, aí cheguei onde tava, catei uma vara e saí futucando, bem distante. Aí eu arrumei uma confusão muito grande, aquele povo todo lá, o cara rico, muita canoa, muito barco, muita rede de pegar peixe. Eu disse que o homem não tinha morrido lá.



Enchente do rio Araguaia alagou
Xambioá em 1997.

Eu lembro nos anos 80, eu já trabalhava na balsa, teve a enchente grande, muita gente teve problema, inclusive nós. Esse rio é camarada, porque ele enche bem devagarzinho, ele chegou batendo palma, é bem devagarzinho que vem, a pessoa podia ir tirando as coisas. Mas teve lugar que o povo não confiou... E também, quando é para secar não adianta botar ele para fora com a vassoura que ele não vai, é devagarzinho igual, porque ele é muito pantanoso. Eu lembro de minha mãe zangada e eu: “Dona Raimunda, o quê que a senhora tá pensando? Os invasores aqui somos nós, ou a senhora acha que ele nunca andou aqui?”. Isso era ali na Afonso Pena, e ele foi tomando espaço. O banco era ali onde é o Armazém Paraíba e foi lá para o Paulo VI. Aí foi quando surgiu aquele São Geraldo de Dentro, porque esse de baixo foi todo tomado.

Aqui, nós vivemos também uma época que foi a época da guerrilha, que nós não tinha nada com isso, mas aqui era um ponto de apoio. Então, eu como barqueiro, os barqueiros mais velhos, nós tinha que trabalhar, então fomos inscritos os barcos para carregar o pessoal. Por meu conhecimento, mais tarde, eu trabalhei também com a Marinha. Aqui, era o general Bandeira, nós andava por aqui, aí tinha o doutor Jorge, esse era o único que ia no rio pescar mais nós. Dos da guerrilha eu tinha um amigo só, Daniel. Esse Daniel era muito meu amigo, amigo de porre, de dança, de festa. Mas nunca que eu tava para saber. A última vez que eu vi ele, o Exército já tava aqui, eu já vi ele diferente, o cabelo meio amarelo, aí nunca mais eu vi. Ele não viveu aqui muito tempo, não. O cabra viajava, vinha, tinha muita gente deles era no Pará.



ELES ME CHAMAVAM ERA XAMBIOÁ CHARLES BRONSON DO ARAGUAIA.

Aí a Marinha me destacou para o Remanso dos Botos. Os motor não era os de hoje, eram diferentes, e eles minaram o rio: quem tivesse aqui onde nós ficava tava aqui, quem viesse de lá voava pelos ares, e quem fosse daqui pra lá também. Só que eu não sabia de nada, quebrou o timão do meu motor, eu simplesmente peguei um facão e fui sair para cortar o pau. Aí ele me deu um grito, se reuniram e resolveram me contar para eu contar para o outro barqueiro. Eles foram obrigados a contar que não podia ir para lá e eu avisar para o outro também, era minado, se eu fosse voava pelos ares. Quando eu saía com eles, chegava na Barra da Sucupira, nós se combinava, eles pulavam no chão e corriam, eu já sabia. Tinha umas capoeironas no Porto do São José dos Claros, eu tinha que encostar o barco e não podia pisar no chão, eu tinha que ir por dentro da água e subir na capoeirona. Era um pau alto que eu tinha que ficar num galho daquele, de lá eu tinha visão onde eu tinha deixado eles. Eu tinha que passar o dia todinho em cima daquele pau olhando para lá, para quando eles fizessem sinal, aí eu descia, pegava o barco e ia atrás.

Eu não tinha nome, meu nome ninguém falava, eles me chamavam era Xambioá Charles Bronson do Araguaia. Aí, eu tinha um amigo, esse já tá no andar de cima, nego doutor capitão Evaldo Neves da Costa, um dia nós tava bebendo, eu e mais ele, ali onde hoje é o Paraíba. Naquele dia eu morri, aí depois eu vivi. Entrou um capitão da Aeronáutica com a cartucheira de bala e revólver aqui assim, e eram só eles que estavam lá dentro. E o capitão, o meu amigo falhou com ele. Aí ele enroscou: “Também sou capitão, o nosso povo da nossa cidade está assombrado, nós não tem nada com isso, aqui é um ponto de apoio, o senhor entra aqui parecendo mocinho de cinema”. Ele desarmado e eu também. Eram só eles que estavam lá dentro, lotado, lotado, naquela hora ali eu fui no outro mundo e voltei.

Ficava todo mundo assombrado aqui. Agora, eu sempre tive sorte, quando eu ainda não trabalhava com eles ninguém chegava aqui de noite, eu cheguei essa vez de cima e eu cheguei com um cunhado meu, meu concunhado vinha bêbado, eles bateram a lanterna, chegando da Santa Cruz de noite, o reduto lá não podia. Aí, ele xingou os homens. Para eu me agasalhar, parece que eu não era eu, até eu arrumar esse negócio aí... Não podia chegar aqui, passou das seis horas, não saía e nem chegava. Passou assim um bocado de tempo. Foi pesado, mesmo. Aí, quando aqueles avião chegava, eles pegavam o povo na rua, pode ser quem fosse, prefeito, quem fosse e botava para descarregar... A carga que vinha dentro, tinha que tirar tudo. E botava gente para cavar pedra em estrada. Não tava fazendo nada, não podia ficar brincando não. Era pesado. Quem eles vissem, eles botavam para carregar pedra, não tinha negócio.



Edson Costa

Nós somos os navegadores que vão vendendo a mercadoria

Nasci em Marabá, no estado do Pará, no dia 29 de agosto de 1930. Minha família era descendente de índio. Meu pai nasceu em Conceição do Araguaia, naquele tempo era sertão. O primeiro produto de Marabá era a castanha, o segundo a borracha, terceiro foi ouro, diamante e continuou outras coisas que eu não tomei conhecimento. Meu pai era castanheiro, trabalhou na borracha, trabalhou no garimpo e em todos esses objetos. Minha mãe era muito trabalhadeira também, era gomadeira, lavadeira de roupa, trabalhava em casa particular pra nos aguentar. E nós ajudando também. Foi uma vida pesada, mas alegre. Toda vida, rapazinho, garoto, eu vendia bolo pelas ruas, vendia peixe, fazia tudo que era preciso garoto fazer pra sobreviver.

Quando minha mãe morreu eu tinha 18 anos. Depois eu passei um tempo com meu padrinho, ele me deu estudo, me deu o prazer de conhecer as cidades, conheci Maré, Belém, Cametá, Mocajuba, Baião, Sino do Carmo, Tucuruí. Naquele tempo tinha uns motores

grandes que faziam essa linha. Ele tinha um motor e me colocou para aprender a ser piloto. Mas pra lá é muito perigoso as cachoeiras, daí eu fui tendo medo e desisti. Era rapazinho novo, inexperiente da vida, quando chegou um amigo meu daqui do Araguaia, desceu lá em Marabá e me viu: “Edson, vamos pro Araguaia. Surgiu um garimpo em um lugar de nome Chiqueirão. Você chega hoje e amanhã está rico, cristal por demais”. Eu não sabia nem o que era cristal. “Rapaz, o que é cristal?”, “Uma pedra que você olha ela, ela tem o bloco dentro. É uma coisa, e faisqueiro compra tudo”.

Minha vinda pra Xambioá foi em 52. Trouxe um trocadinho de Marabá do outro emprego e fui pra Chapada do Chiqueirão. Lá eu estacionei e fui ver como é que era o negócio do garimpo. Já tinha levado um trocadinho, aí pensei: “Vou botar uma quintandinha pra ver”. Vendia guaraná, vendia leite ninho, vendia outras coisas, cigarro, isso e aquilo. Aí um cara dizia: “Olha, Edson, um dia eu venho acabar com essas garrafinhas suas”, “Tá bom”. Quando ele chegou ele disse: “Edson, hoje chegou o dia”. O cara pegou a comprar, beber. Ele mesmo só bebia guaraná com leite, aqueles copão de guaraná com leite. E os outros era pinga, cigarro, era tudo, quando ele diz: “Ó, amanhã eu venho te pagar”. Até hoje. E eu fiquei no neutro, sem dinheiro e sem nada. Eu digo: “Meu Deus, e agora, o que eu vou fazer? Vou já embora pra Marabá, pra minha terra, porque lá eu tenho meu emprego, eu tenho tudo”. Não dava pra cobrar do pessoal! Quem sabe mesmo quando toca no mundo é Deus. Ainda vai é fazer mal pra gente.

Cheguei lá na beira-rio, fiquei debaixo de uma árvore e chegou o barco. Encostou, eu fui lá. “O senhor pode me levar até Araguatins? Eu tenho um irmão em Araguatins, eu estou sem dinheiro, mas meu irmão mora lá, eu vou procurar falar com ele, ele paga a passagem”, “Ó, garoto, garimpeiro sem dinheiro eu não carrego”. Ainda hoje eu me lembro, eu pensando na minha vida, como é que eu ia fazer. Aí eu voltei, fiquei debaixo da árvore pensando. E ele gritando: “Vamos embora, todo mundo embora, embarca”. Embarcaram e foram saindo. Mas Deus tocou no coração dele, ele olhou assim: “E tu, garotinho? Não vai não?”, “Não, o senhor disse que não carregava garimpeiro sem dinheiro”, “Não, eu vou aventurar, embora!”. Aí eu embarquei, ele disse: “O senhor sabe mexer com embarcação?”. Eu digo: “Sim senhor”, “Então vai fazendo aí o que o senhor vê que é possível fazer”. E eu digo: “O senhor tem escovão?”, “Tenho, sim senhor”, “O senhor tem balde?”, “Tenho, sim senhor”, “Então me dê o balde e o escovão”. Ele me deu o balde, me deu o escovão e eu fui lá pra proa do motor, joguei água e joguei o escovão em cima, tchá tchá tchá tchá tchá, e joga água, fui até na polpa do motor, fiz o círculo todinho. Quando eu cheguei em Araguatins ele disse: “Não, você não vai pagar mais nadinha, eu quero que o senhor vá até Marabá comigo. O senhor não paga nada”.

Aí fui pra Marabá, cheguei lá, fiquei, trabalhei, trabalhei. Quando foi passado uns tempos, esse mesmo rapaz que me convidou da primeira vez chegou lá e disse: “Edson, não dei sorte no garimpo”, no garimpo não deu pra ele não, já estava trabalhando no outro emprego. Aí ele disse: “Rapaz, vai pra Araguaia trabalhar comigo lá, eu mexo com motor



CASEI PELO RETRATO.

e tu vai trabalhando também comigo”. Eu vim com ele. Ele se chama Joaquim Borges, foi meu professor, foi meu mestre. Chegou aqui, ele me botou pro quatro e meio, o motor mais fraco que tem na região. E eu trabalhei com ele dentro da cachoeira. Tinha um cabo amarrado na proa do barco e uma corda grande. Aí ele pegava essa corda e eu ia lá pra frente com uma corda e dois, três companheiros. De lá ele entrava na pancada e nós daqui colhendo, até passar a pancada. Aí passou a pancada nós colocava a mercadoria dentro e tornava a subir, na outra do mesmo jeito, e assim era pra chegar até aqui pra vender a mercadoria.

E assim foi logo que eu comprei um motor e comecei a trabalhar, lutar, trazendo todas as coisinhas, e comecei a fazer freguesia em Marabá, Araguaatins... Comprava pra lá e vinha trazer aqui pro Araguaia. A gente tem uma mala de sola, bonita, enchia ela de mercadoria, de perfume lá de Belém. Lá tinha a perfumaria Phebo, um sabonete, brilhantina, tudo, e por todo lugar eu andava com essa mala e vendia tudo. Ficava vendendo por aí assim e depois pegava o barco e tornava a subir, ia pra Conceição do Araguaia. Tem o beiradão e nós somos os navegadores que vão vendendo a mercadoria. Vendia sal, açúcar, sabão, querosene, brilhantina, tudo, enfim. A pessoa que vendia assim é o barqueiro e o beiradeiro. Tinha muitos, né? Era eu, Claudio, era Beto, era Dega, tudo era barqueiro, que dá de vender as coisas.

E eu peguei a pilotar em 52, em 56 eu casei. Casei pelo retrato. Cheguei em Marabá num barco cheio de mercadoria e fui num lugar por nome Landi. Aí tinha uma senhora lá, ela disse: “Vamos embora, menino, tomar um café na comadre Cidoca”. Aí fomos pra lá. Chegando lá ela foi passar o café e eu fiquei na salinha. Aí vi o retrato assim, na parede. Aí quando ela veio eu disse: “Dona Cidoca, me diga uma coisa, quem é essa senhora aqui?”, “É minha sobrinha”, “Onde mora?”, “Lá em Barreira de Santana, sertão”. Eu disse: “Dona Cidoca, eu vou dizer uma coisa, se der certo eu vou me casar com essa menina”, “O senhor não desmerece não”, “Não digo nada”, “E pra melhor lhe dizer ela está em Xambioá”. Eu digo: “É mesmo?”, “É”, “Se a senhora quiser fazer alguma coisa pra lá eu estou a seu inteiro dispor”. Ela fez uma cartinha e nessa carta botou que eu tinha olhado o retrato dela e tinha apaixonado e tal, mas que não era má pessoa e se desse certo ela não levasse a mal.

Quando cheguei aqui fui levar a carta pra ela. Cheguei lá, entreguei a carta, falei que qualquer coisa que ela precisasse pra Marabá eu estava às ordens, era navegante aqui. “E se a senhora quiser também...”, já fui logo me expondo, porque tinha uma brincadeira de um

bar, uma brincadeira bonita de pano no boi, e eu convidei ela: “Se você quiser participar da brincadeira do boi, nós chegamos até lá”. Ela disse: “Tenho uma colega”, “Pode levar a colega”. E levou. À noite eu estava já no linho, cheguei lá e dei chocolate, alguma coisa que ela quisesse eu dava. E eu sabia, todo paraense é danado pra dançar. E eu gostava de uma festa. De tudo eu gostava, Baião, Cametá, Mocajuba, Vila do Carmo, tudo. Nós parava nessas cidades tudinho. O pessoal, como dizia, o marinheiro de bordo, ia de boa. Aí pronto, foi logo eu falei: “E aí?”, se ela achava que ia dar certo. “Ah, depende do papai”.

Mandei avisar ele em Barreira do Santana e ele veio. Chegou aqui, eu já fui logo. Naquele tempo tinha os padrinhos da gente, juntava quatro, cinco pra ir lá pedir aquela moça em casamento ao pai. Nós fomos todos lá: “Seu Edson é um homem barbado, trabalhador, bom rapaz, tal, tal”. Deixei minha ficha. Aí ele: “Se for pra casar, quando o senhor quer?”. Eu digo: “Até amanhã, se quiser”. Ela: “Então vambora”. No outro dia embarquemo no meu barco mesmo e fui bater em Araguatins. Lá casei. Não me lembro do dia do meu casamento não. Mas tem oito filhos. Tinha nove, morreu um, ficou oito.

Eu carreguei os guerrilheiros. Quando eles chegaram aqui não davam demonstração do que eram. Bem aí atrás era um hotel de meus compadres, Pedrinho Baiano e dona Rosinha. Ali os guerrilheiros ranchavam. No dia de viajar eles vinham pra cá: “Nós queremos fazer uma viagem pra Santa Cruz”, uma currutela que tem lá embaixo, aí eu comprava gasolina, eles davam dinheiro, tudo, tudo, e nós descia. “Encosta aqui, encosta ali, encosta ali, encosta acolá”. Às vezes ele dizia: “Vou saltar bem aqui”. E eu falava como dono do barco, conhecedor: “Olha, aqui não tem estrada não, meu amigo”. Aí ele: “Não, é porque eu quero olhar essa área aqui, nós viemos aqui pra olhar terra”. Saltava um, dois e tocava no mundo, e eu seguia a estrada. Eles tratavam a pessoa com atenção, mas na conversa eles chegavam aqui, não tinha palestra igual nós. Só chegavam, faziam uma empreitada logo: “Quanto que o senhor vai fazer a viagem?”, “Tanto”, “Não faz por menos?”, “Não, nós vamos demorar”, “A gasolina toda é por nossa conta. E o rancho. É só o motor e o seu trabalho”, “Faço por tanto”. E isso não era só eu não, era muitos, muitos motor aqui.

O final da história todinha foi essa que o povo sabe. Aí tinha enfermeira, tinha médico, tinha tudo. Eles tratavam do pessoal da mata e não cobravam nada. Quando foi metralhado o primeiro guerrilheiro lá, que eles trouxeram o corpo dele, botaram lá na delegacia pra todo mundo ver como era a história, eu fui lá olhar. E eles entocaram na mata. Foi o tempo que eu larguei eles e fui trabalhar pro Exército, o coronel major Bandeira era o chefe daqui e esse se deu comigo porque eu era um barqueiro mais velho, ele se deu muito comigo e aí deu preferência pra mim, aí eu andava com ele pra cima e pra baixo.

Trabalhei 45 anos de trabalho prestado no Araguaia. Por essa pilotagem minha eu fiz muita amizade, criei muita amizade no beiradão, nas cidades.



Ruiderval Miranda Moura

Ele carregava o Osvaldão, esse pessoal que fazia parte da guerrilha

Nasci em Xambioá em 17 de julho de 1956. Meu pai era Lourival Moura Paulino e minha mãe Maria Miranda Feitosa. Ele era lavrador e também trabalhava no ramo de farmacêutico, e minha mãe, lavradora junto com o meu pai. Meu pai era meio grosso, meio rude, mas era um cara muito simpático, atendia muito bem as pessoas e era muito humilde, na minha concepção. Minha mãe também era muito dada. Ela era da Igreja Assembleia de Deus, e eu sempre via minha mãe fazendo o bem para as pessoas.

Na época em que eu nasci, a gente não tinha costumes como hoje de ir ao cinema, ao teatro e comer uma pizza, o que nós fazíamos muito era pescar, porque nós morávamos na ilha de Coco, aqui no município de São Geraldo do Pará. Essa era a nossa diversão.

Eu comecei a trabalhar muito cedo, ia para a roça capinar. Eu tinha seis anos quando vim para a cidade. Comecei estudar nesse período, e finais de semana eu voltava para a ilha de Coco. Lá eu brincava e trabalhava ao mesmo tempo, porque a minha diversão realmente era andar de canoa, andar nas praias ali embaixo, no rio, no pedral, e pescar.

Depois minha mãe mudou para cá. A casa até hoje é a mesma que nós tínhamos naquela época. Meu pai continuou morando lá na chácara. Ele tinha um estaleiro e chegou a cons-

truir um barco e então mudou de profissão, começou a trabalhar vendendo produtos na beira do rio como querosene, facão, botina para os moradores de um lado e outro do rio. Naquela época, nós não tínhamos transporte aqui em Xambioá, o transporte era o fluvial, então ele se utilizou dessa coisa para ganhar a vida, e como ele era farmacêutico, ele cuidava das pessoas também ao longo do rio, as pessoas doentes o procuravam, ele medicava, levava remédio, aplicava e trazia as pessoas doentes para a cidade. Então era assim a vida do meu velho. Mas isso me distanciou um pouco mais dele porque eu só o via de mês em mês.

Fiquei até os dez anos aqui em Xambioá, e como eu era meio peralta, fiquei interno no colégio adventista de Araguacema por três anos. Estudava ou período da tarde ou da manhã. No outro período, ia trabalhar. Você aprendia a fazer pão, tijolo, horta, aprendia trabalhando. Nós éramos 75 garotos e tínhamos tarefas diárias. Por exemplo, à tarde alguém varria o pátio de um lado, de outro, limpava os banheiros, então era assim, foi uma infância de trabalho. Uma vez que eu pulei de uma árvore no rio e quando bati o pé no chão fui esporado por uma arraia. Quando eu gritei que tinha sido esporado, não ficou ninguém dentro d'água, todo mundo correu e eu fiquei sozinho, e aí não podia sair porque quando sai da água a esporada pega ar, começa a doer o seu pé e não para mais. Eu fiquei duas horas esperando esquentarem a água para botar no pé e tal. Depois passou uns três meses de tratamento, mas eu achei até legal porque não ia trabalhar, você era encostado, ficava só ali sentado.

Em 72 foi o início da Guerrilha do Araguaia, e nesse período o meu pai vendia e levava e trazia pessoas no barco dele pra cá, era um táxi flutuante. E ele carregava o Osvaldão, esse pessoal que fazia parte da guerrilha. Moravam lá embaixo em Santa Isabel e ele trazia pra cá. Quando o pessoal do Exército chegou, algumas pessoas foram detidas, e aí detiveram um cidadão que disse que quem era amigo dos terroristas era o meu pai. Meu pai nesse período tinha ido para Marabá, me recordo bem que ele tinha feito essa viagem, e estava num bar quando foi abordado pelo pessoal do Exército. Os caras entraram todo mundo armado, cercaram o bar em que ele estava na beira do rio jogando sinuca e o pessoal perguntou: “Quem é Lourival Moura?”, e ele respondeu: “Sou eu”, e eles disseram que ele teria que os acompanhar, aí ele perguntou por quê e eles disseram que ele seria interrogado, ele tinha sido denunciado por ajudar os terroristas. E ele acompanhou o pessoal.

Trouxeram meu pai aqui para Xambioá. Daqui, levaram ele para Brasília. Ele ficou alguns dias sendo interrogado em Brasília e voltaram ele aqui para Xambioá, desceram com o meu pai na base, de avião, e vieram com ele até a entrada da cidade, ali onde é o Vietnã e era uma antiga zona de baixo meretrício. Vieram de lá escoltando ele, apresentando para a cidade como se fosse uma presa, passaram na porta da minha casa com ele preso, dois soldados de lado e dois atrás, e eu na porta não pude falar com ele que eles não deixaram, e seguiram com ele para a delegacia. Eu tinha 15 anos de idade na época e fui até a delegacia, sempre atrás dos caras. Fui até o delegado falar com ele, naquela época era o Marra, sargento Marra. E ele me disse o seguinte: “Olha, eu não posso deixar você falar com o seu



ELES DISSERAM QUE FOI SUICÍDIO.

pai, você tem que ir lá na base falar com o capitão Magalhães ou capitão Gomes”, e eu ouvi o meu pai dizer lá de dentro: “Não vai, Ruiderval, não vai na base”. Nesse ínterim, quando eu me apresentei para o Marra, ele falou: “Então quer dizer que você é o terrorista, filho do terrorista que tá preso?”. Assim mesmo eu fui para a base. Cheguei lá, me levaram para a barraca dos oficiais, me interrogaram até de noite e me trouxeram em casa. No outro dia cedo, eles me levaram para a base de novo para me interrogar, eu passei sendo interrogado por três dias.

Nunca me bateram, mas aquilo era uma tortura. Perguntavam de quem o meu pai era amigo, sempre as mesmas perguntas, se meu pai era da Arena ou do MDB, eu dizia que o meu pai era da Arena, dizia que meu pai era amigo de fulano, seu Manoel Matos e tal, Manoel Pinho, que era prefeito na época, e insistentemente eles perguntavam se o meu pai era do MDB ou da Arena pra me confundir. Perguntavam se eu era amigo do Osvaldão, quantas vezes o Osvaldão tinha ido na minha casa. E eu falei que o Osvaldão descia porque morava lá embaixo, a gente não conhecia o Osvaldão, pra mim era uma pessoa comum que morava na roça. E se ele já tinha ido na minha casa, eu falei que já. Conhecia? Conhecia. Como eu conhecia o seu Euzébio que morava lá na Santa Cruz, como eu conhecia o seu Joaquim Borges que mora na Santa Cruz até hoje, o seu Felipe que morava lá perto, seu Zé Moura, seu Zé Leda e muitos outros que moravam na região, então para mim era um morador comum.

Então eles me disseram que o meu pai seria liberto na segunda-feira. Isso foi no sábado, aí no domingo eu fui para a delegacia à noite, eu ficava sempre na calçada da delegacia, lá tinha uma janela que dava acesso para a rua, meu pai no lado de dentro e eu sentado do lado de fora conversando com ele. Quem levou a rede com cordas fui eu, eu levei doce de jaca que ele pediu, ele gostava muito, minha mãe fez um doce de jaca e eu levei para ele. E os caras não pegavam. Eu levei cigarro, fósforo... E tinha um motor de luz que apagava exatamente às 11 horas da noite. Quinze pras 11, esse motor dava um primeiro sinal para que você pudesse se preparar. Aí acabou a missa, às dez horas, eu sentado lá. Alguns amigos vieram falar comigo e foram embora e eu permaneci lá sentado conversando com o meu pai, normal, ele dizendo que era inocente, que não tinha nada a ver com ninguém e tal. E quando o motor deu o sinal, ele falou: “Ruiderval, vai para casa que já é tarde”, eu pedi a bênção dele e fui embora. Aí cheguei, tomei um banho, deitei. Lá para duas horas da manhã, minha mãe acordou sobressaltada e me chamou, “Ruiderval”, aí eu acordei: “O que foi, mãe?”, “Seu pai morreu”, “Mãe, acabei de falar com o meu pai”, “Seu pai tá morto,

ele me visitou agora, ele veio falar comigo e ele não conseguia falar comigo”, e ela não dormiu mais.

Cinco horas da manhã chegou me chamando um cidadão por nome Edgar, era o cara que trabalhava no motor de luz. Aí minha mãe perguntou o que ele queria, ele falou que o Geovan lá do bar Quentão tava me chamando. Minha mãe: “De manhã ele fala com ele”, “Não, mas ele quer falar com ele agora”, aí ela levantou de camisola e falou: “Eu vou lá também”, e nós saímos e o cara sempre dizendo: “Não, rapaz, isso já aconteceu comigo, fica tranquilo”, e a minha mãe: “O que que aconteceu contigo? Por que você tá falando isso comigo?”, aí quando eu saí da ladeira lá de casa, eu vi aquele monte de carro do Exército e minha mãe disse: “Seu pai morreu”. Aí nós chegamos até onde estava os caras, tava o Marra, o capitão Magalhães, o capitão Gomes. Minha tia Laíde já estava lá na porta, porque o Quentão fica em frente à casa dela, e ela já estava chorando. Quando eu cheguei, o capitão colocou a mão no meu ombro e o Marra veio na minha frente e falou: “Garoto, seu pai morreu”, aí eu dei um safanão no Marra e saí correndo para o rumo da delegacia, e os caras entraram no jipe pra tentar me pegar. Como naquela época a rua era só cascalho, os carros tinham dificuldade e eu cheguei na delegacia, mas tinha um soldado do Exército na porta. Ele me deu uma pancada com um pau nas costas e eu caí. Quando eu caí, eu levantei com um cascalho na mão e joguei nele, ele para se proteger colocou a mão no rosto e eu entrei na delegacia. À direita tinha a cela e, quando eu virei, o PM não tocou a mão em mim, era o Queixinho e o Manoel Soldado que estavam lá na época. Quando eu entrei que eu abri a porta, eu vi a rede dependurada de um lado e o meu pai enforcado do outro lado da corda. Aí eu olhei, ele tava todo despido, aí suspendi o corpo dele e já veio outra pessoa atrás de mim que era o Donato e o Edgar, já tiraram a corda do pescoço dele e colocamos ele no chão. Ele tava todo cheio de manchas roxas. Aí tirei a dentadura dele que tinha caído, botei no bolso, peguei a sapatilha que tava lá, uma sapatilha marrom que depois eu continuei a usar por muito tempo, e fui para casa.

Essa foi uma parte muito dura. Mas enfim, eu tive que superar. Eles disseram que foi suicídio, mas meu pai tava praticamente com o joelho encostado no chão, e no mesmo dia em que eu tirei a corda percebi que a corda não era a mesma corda que eu tinha levado para ele da rede, era uma corda mais fina e lisa, que depois eu vi servindo o Exército e percebi que era a mesma corda que tava no pescoço do meu pai.

Depois disso eu tive muitos problemas no colégio, o que hoje chama bullying eu sofri muito nessa época. Me chamavam de filho de terrorista, e aí eu caía no cacete com os caras, chamava no canto e entrava na porrada, não tinha história. E aí eu falei: “Mãe, eu vou embora daqui”. Em 73, minha mãe providenciou minhas roupas, uma malinha de duratex, uma rede e um tênis e eu fui para Brasília. Cheguei em março de 73, ainda tinha 15 anos de idade. Aí desci na rodoviária sozinho, cachorro caindo de mudança, e fiquei perambulando. Não conhecia ninguém lá. Hoje eu sou um sobrevivente da História.



Hildebrando Rocha

Outro episódio foi o quebra-quebra

Nasci em 1959 no Piauí, cidade de Uruçuí. Vim embora pra aqui em 1970, com dez anos de idade. Me considero filho de Xambioá.

Uruçuí fica na beira do rio Parnaíba. Cansei de atravessar o rio. Sabe como é as coisas, menino gosta de aventura. Meu irmão que morreu afogado lá, morreu e viveu. Nós estávamos pescando e ele banhando lá no remanso. A gente sentiu falta dele, achou que ele tinha ido embora pra casa. Aí quando a gente vai descendo o rio, caçando um lugar melhor, mais ou menos distante 500 metros, a gente parou. Tinha um rapaz que buscava água no jumento com aquelas duas ancas do lado. E nossos anzóis estavam enganchando frequentemente. O meu, do Salmeiron e do Juvenal, que era o gerente do banco de Uruçuí e estava pescando com nós. E a gente pediu a esse rapaz do jumentinho que tirasse aquele trem que estava enganchando lá, a gente via que era uma palha. E não era nada de palha, era a cabeça do meu irmão lá no remanso, o cabelo dele ficava fazendo aquele redemoinho, tinha morrido afogado. Ficou todo mundo desesperado.

O seu Juvenal, um cara muito experiente, levou ele até o posto de saúde, nesse tempo não tinha hospital lá. Examinaram ele e disseram: “Está morto”. Mas o coração estava batendo, então seu Juvenal pegou ele das mãos dos agentes de saúde, baixou a cabeça dele e começou a sair água e lama. Nesse tempo o rio estava na cheia, tempo de inverno, a água

fica muito barrenta. E quando baixou a cabeça dele, começou a vomitar aquela água com lama. Mas só que ele não normalizou, continuou só o coração batendo. Levamos pra casa mas não tinha como fazer nada, só se levasse pra Florianópolis, que fica distante 60 léguas. E a gente, nesse tempo fraco de condição, ficou com ele lá, colocou em cima de uma cama esperando viver ou morrer. E o pessoal lá de sentinela, os vizinhos todos observando. Era cinco horas da manhã quando alguém acordou e não viu ninguém na cama. Aí: “Oxente, cadê o menino?”. Saímos procurando para um canto e outro, aí achamos ele lá na porta da igreja: “Rapaz, nós estamos te procurando, o que foi, rapaz?”, “Não, eu perdi meu dinheiro, deixei aqui na igreja. Ele estava com uns trocados no bolso, aí disse que tinha perdido na igreja. Mobilizou a cidade todinha, aquela multidão de gente levando ele. E aquele dia de tristeza se transformou em festa. Ele ressuscitou aquele dia, dia de sábado de aleluia.

Somos em nove irmãos. Quatro homens e cinco mulheres. A gente era até bem de vida lá. A gente tinha hotel, tinha um comércio muito grande, mas veio à falência de tudo isso e meu pai opinou ir embora. Alguém falou pra ele que tinha um lugar muito bom aqui no estado do Goiás, que naquele tempo aqui era Goiás, inclusive eu tinha um parente aqui. Aí a gente veio do Piauí pra cá. Foi muito atribulada a nossa viagem, veio de ônibus até Carolina do Maranhão e de lá numa gaiola de transportar animais. Gastamos dois dias pra chegar aqui, a estrada muito ruim, então foi muito sofrimento. Mas quando eu vi o rio eu achei que já estava na minha cidade de novo, me deu muita alegria de ver isso aqui.

Meu pai era barbeiro, mas adoeceu, deixou de ser barbeiro e foi ser sapateiro, consertando sandália e colocando sola em sapato, aquela coisa, e foi levando a vida. E minha mãe que sempre foi uma guerreira, trabalhou muitos anos naquele mercado municipal aqui em Xambioá vendendo comida caseira. Foi ela que deu o estudo pra nós, os que queriam estudar ela manteve.

Hoje eu sou eletricitista de automóveis. É uma coisa que eu faço porque gosto mesmo. Desde criança eu incuti com a eletricidade, a mecânica. Eu fazia filme com aqueles desenhos de livrinho, recortava o gibi com gilete, colocava o foquinho de uma lanterna aqui e fazia a maquinazinha. Colocava uma tela com um pano, o papel na frente com o desenho e ficava de trás. Ele saía na tela e o pessoal ficava no outro lado assistindo. Fazia vários filmes de desenho animado, era muito criativo com essas coisas. Aí fui tomando gosto com aquilo, de mexer com eletricidade, fazia os ventiladorzinhos de motor de radiola, fazia um caixote de pilha, pelo menos com umas 20 pilhas, aí ligava aquilo tudo lá, era o foquinho da camerazinha. E eu ganhava dinheiro com aquilo. Até o prefeito foi assistir. Eu fazia a casinha bem-feitinha, toda forrada de papelão. Entrava, tinha cortina, tinha tudo, as cadeirinhas feitas de banquinho. Gostava muito de desenhar, fazia o desenho desses helicópteros aqui no tempo da guerrilha, esses desenhos passava na tela. Foi um dos momentos muito bons da minha vida.



O HOMEM TODA VEZ GANHAVA A ELEIÇÃO.

A minha esposa veio do Maranhão pra cá, eu já morava aqui. Eu conheci ela num baile chamado Banzeiro. Eu era muito novinho, mas era raparigueiro demais. Até minha mãe brigava porque eu não caçava uma namorada, nesse tempo namorar era só namorar mesmo, não tinha esse negócio de outras coisas diferentes, aí eu gostava mais dos cabarés, desculpa falar isso daí. Mas quando ela pintou na minha vida, aí eu peguei amor por ela e decidi me casar com ela. Ela já era apaixonada por mim, sempre minha mãe dizia e eu todo tempo por fora. Mas um dia ela fez uma festa na casa dela, um banquete muito grande, era carne de porco, carne de gado assada, tanta coisa boa. Quando cheguei lá ela estava tão bonita, vestido bacana. Não faltava nada na mesa onde eu estava, tudo ia pra lá, não faltava cerveja, não faltava nada. E ela em cima. O que mais me comoveu foi quando um dos rapazes que estava com a gente agarrou no vestido dela: “Vamos dançar?”, puxou assim, quebrou a alça. Ela: “Me respeita, cabra”, xingou ele na hora, pegou uma garrafa pra arriar nele. Eu e um outro companheiro pegamos ele e jogamos pro outro lado do muro, de lá ele foi embora. E nesse dia eu peguei amor por ela, eu disse: “Olha, essa mulher me serve”. Estamos até hoje, 34 anos juntos. Ela se chama Generosa Maria da Cruz Rocha. Temos quatro filhos.

No tempo da guerrilha eu vi muita coisa, uma tristeza muito grande. O que eles passavam pra gente é que ali era bandido, terrorista, mas a gente tinha pouco conhecimento daquele caso. Então pra nós, como a gente assistia aqueles filmes de faroeste, a gente achava que era uma grande vantagem o cara estar matando, estar prendendo daquela forma ali, pra nós era uma coisa muito comum. Os terroristas – eu chamo terrorista porque lá eles chamavam de terrorista – que chegavam vivos, eu cheguei a ver, eles colocavam dentro de um buraco com a grade em cima e ele ficava lá que nem porco. O cara todo barbudo, tudo magro, tudo acabado. Lugar de cascalho, eles faziam o buraco e colocavam os presos lá dentro. Jogavam lá o resto de comida e eles ficavam catando e comendo aquilo ali. E os que vinham mortos, enterrava no cemitério. Eu cheguei a ver uma moça baleada, pegou um tiro no peito que a gente enxergava o pulmão dela nas costas. Ficou bem na porta da delegacia, o pessoal de Xambioá todo foi ver essa mulher lá.

Naquele tempo o Exército dava o tranco aqui, ninguém podia sair e quem vinha era investigado. Meu irmão mesmo foi um que estava estudando em Teresina, eles pegaram ele em Peritoró, no Maranhão, e prenderam, ficou quase dois meses preso. Meu tio apanhou muito aqui também, botaram a corda no pescoço dele e deixaram ele pendurado quase

12 horas, só com a ponta dos dedos triscando no chão. Quando ele saiu de lá, que viu que ele não devia nada no caso, minha mãe cuidou dele quase dois meses, todo arrebitado, tratou ele com remédio do mato, com gervão, mastruz, um monte de beberagem.

Outro episódio foi o quebra-quebra. Eu era militante do partido do Jaime Modesto, que era o candidato a prefeito, e doutor Ademar era candidato também. Nós já tínhamos perdido duas eleições pra ele, e a gente julgou que ele estava roubando a eleição, falsificando os títulos, gente morta votando. Esse quebra-quebra foi uma coisa que eu acho que a pessoa que pensou naquilo ali tinha uma certeza tão grande que era roubado que incentivou a gente a fazer aquilo. Aí nós fomos, invadimos os colégios onde tinha urna, abria elas, apurava e o doutor Ademar tinha maioria em todas, sempre. Mas era gente demais nos comícios do Jaime, nos do Ademar era pouca e o homem toda vez ganhava a eleição. Aí foi o quebra-quebra. Depois foi chamado todo mundo lá no fórum e o juiz não teve dó, puniu todo mundo; teve uma eleição e Ademar ganhou de novo. Mas a gente hoje todo mundo é amigo.

Quando eu era menino gostava muito de brincar de baladeira, de caçar, e quando me tornei adulto comecei a tomar gosto com arma de fogo também. Uma vez eu estava passarinhando e fui matar um tucano, que hoje é proibido por lei. Hoje eu zelo por isso aí. As aves, eu gosto delas, dos animais, tudo. Mas então, eu atirei nele e ele caiu. Já estava baleado na asa e eu esqueci o cartucho na espingarda, e armada. Aí naquele movimento ali meu irmão veio com os meninos dele, todos pequenos. Na passagem do arame ainda coloquei a espingarda nas costas dele, armada e com o dedo dentro do gatilho. “Opa, para com essa brincadeira de arma, rapaz! Que é isso?”. E fui pra dentro de casa com a arma carregada, fui pro terreiro, coloquei a espingarda no chão. Tinha um banquinho, eu coloquei o pé em cima e coloquei o cano dela debaixo do queixo. Aí tirei e coloquei debaixo do braço, achando que não estava armado. E com o grito desse tucano que estava aqui baleado os outros ficaram rodeando a casa. E eu lá na expectativa que eles viessem para eu dar outro tiro neles. Foi quando eu coloquei o braço em cima do cano e um menino mais novinho, dois anos de idade, acocou perto de mim, olhou pra mim, como queria dizer alguma coisa. Colocou o dedo no gatilho e apertou. E eu com o braço em cima. Aí veio a minha ruína. Acabou com metade da minha vida nesse tempo, rapaz novo como eu estava, trabalhando pra produzir alguma coisa, pra ter um futuro melhor, fiquei baleado. Perdi o braço.

Fui continuar minhas atividades na oficina, o povo tudo dizendo que eu ia pedir esmola. “Esse homem não serve mais, acabou, a gente tem que dar esmola pra ele”. Eu chorei na hora e pedi pra Deus: “Se for para eu viver pedindo esmola pode me tirar, que eu vou embora satisfeito. Mas assim eu não quero”. Mas o homem, se ele quiser, não perdendo a cabeça, ele pode fazer qualquer coisa na vida, mesmo que ele não mexa um órgão do seu corpo. E continuei trabalhando, trabalhando. Tenho um serviço prestado aqui na cidade, uns 30 anos. Eu tenho certeza que eu sempre fiz o bem. Estou feliz, tenho minha família, meus filhos estão todos aí, os bons filhos que eu tenho.



Lealdina Bandeira Neres

Tudo que era em benefício do povo ele aprovava

Nasci no município de Imperatriz, Maranhão. Era o dia 9 de fevereiro de 1938. Meu pai mexia com roça, com tudo. Fomos criados com muita fartura. Da minha mãe, só lembro que ela era do lar, trabalhando só em casa mesmo, cuidando dos filhos. Comigo eram 13 filhos. As mulheres, seis, e sete homens.

Quando comecei a estudar, parece mentira, mas eu tinha três anos de idade. Hoje, os meninos estudam com três anos, naquela época não. Com cinco anos de idade, já me botavam em cima da cadeira e eu lia e decorava poesia para falar para aquele povo. Aquilo era um encanto para eles. “Minha terra tem palmeira onde canta o sabiá...”, eu gostava de recitar essa aí.

Naquela época, levantava de madrugada para quando fosse sete horas da manhã estar com tudo pronto, as comidas dos peão pra roça... Nós juntava a trabalhar pra fazer aquilo ali. Meu pai também botava nós pra levantar de madrugada e carregar água para desmanchar o sal que dava pro gado. A gente tinha que fazer cedo, que era para desocupar e estar pronta na hora da aula. Aquilo ali era coisa divertida, era coisa boa. E tinha aula de manhã e de tarde, naquela época... Cinco horas que terminava e ia fazer os outros serviços. Não recordo mais o resto, já tá... 78 anos, né?

Nós [Lealdina e Antenor, seu marido] já se conhecemos nessa época. O pai dele é irmão do meu pai. Quando ele ficou sem a mãe dele, com dez anos, aí meu pai botou ele dentro de casa, ele com 12 anos e eu com oito. Quando foi com 13 anos, nós começamos a namorar escondido. Os pais não aceitavam, que achava que nós era meio-irmão, porque meus irmãos tomaram ele como irmão, mas eu nunca tive ele como irmão. Quando ele entrou pra dentro de casa, eu senti um amor por ele não ser irmão. Eu dizia pra ele sempre que nós era parente muito perto, que nós era primo, podia ter problema de filho. Até ele dizia: “Isso não tem nada não, é porque você não quer”.

Aí deixamos, e começamos novamente eu tinha 15 e ele 19. Aí namorava escondido, mas meus pais descobriram. E não gostou não. Foi o tempo que ele veio aqui pro Xambioá, ele veio e eu fiquei lá. O pai dele já tava aqui, já tinha vindo em 53, e disse que era para ele vim atrás. Foi 55 ele veio e aqui ficou. Eu tinha 17 anos e ele veio com 21. Aí ele passou três anos pra cá, mas nós se correspondeu um com o outro toda a vida. Quando foi em 58, o pai dele mandou ele voltar pra nós casar. Aí meu pai aceitou já. Não aceitava que nós casasse sem ele saber, escondido, mas ele fez o casamento. Não era muito contra, quem era contra era minha mãe. Minha mãe era contra demais. Mas depois ela aceitou. Nosso casamento foi uma festa melhor do mundo, festa mesmo. Ah, vestido longo, de véu e grinalda, aquela coisa toda.

Quando ele chegou lá, eu estava sendo professora, mas ele nunca gostou de eu ser professora, aí eu acabei a ideia. Mas eu adorava. E os meus alunos gostavam de mim, muito mesmo, eu era boa pra eles. Mas então nós casamos e viemos pra cá. Eu com 20 anos e ele com 24. Nossa viagem para Xambioá foi nove dias de viagem. Naquele tempo era de pé, eu montada num cavalo e ele montado também e os outros homens de pé, tocando as cargas das coisas. Aquilo precisou nove dias do Maranhão pra cá. A chegada aqui foi boa, que tinha o meu sogro – sogro e irmão de meu pai. Chegou, recebeu nós muito bem, já tinha arrumado a casa pra nós, esperando nós chegar. Era lá no Manchão do Meio. Era distante três quilômetros, mas todo dia nós estava aqui, meu sogro morava aqui.

No começo não achei muito bom não. Achei assim, o povo diferente, não era aquele povo que a gente tinha costume. Deus que me perdoe, mas era um povo muito pobre. Assim, eu estranhava aquilo. Que nós fomos criados na fazenda, sentindo toda fartura, todo conforto e aqui eu achei diferença, foi isso aí, eu sentia. Às vezes, meu sogro chegava lá em casa, eu tava chorando: “Não, minha filha, mas é assim mesmo, tem que acostumar”, e acostumei, graças a Deus, o povo era bom comigo também, começaram a ser uma maravilha.

Nessa época, surgiu um garimpo no nosso pasto, nós arrumamos muito dinheiro nessa época e tinha muito peão, tinha muito faisqueiro, garimpeiro... Quando eu cheguei aqui já tava descoberto. Descobriu em 52 e eu cheguei em 60, já tinha oito anos. Quando ele [Antenor] veio aqui em 55 e ficou até 58, ele ficou muito dentro dos garimpos, arrumou muito dinheiro, arrumou muita coisa, sempre me conta que pegava cristal todo dia. Aí quando chegamos tinha parado o garimpo, mas surgiu esse dentro do nosso pasto.



O NOSSO AMOR NÃO VAI ACABAR COM A MORTE.

Antenor, meu marido, trabalhava lá junto com os homens. É uma picareta e uma pá, só a picareta e a pá, não tem outra coisa não. Picareta para cavar e a pá para jogar a terra fora. Era muito animado, especialmente quando tava saindo cristal. Arranca a pedra e fica outra, é com a outra que a gente fica animado, quando tá arrancando aquela, que a gente tá vendo a ponta dela aparecer, aquilo é uma alegria. Naquele tempo, cristal tinha valor, hoje nem preço quase não tem, né?

Os filhos já tinham nascido um bocado, porque quando eu vim do Maranhão eu trouxe uma, a mais velha, que tinha nove meses. Aí, quando os outros nasceram, já tinha nascido o primeiro, segundo, terceiro, no quarto que começou os garimpos. Meu filho Dinho nasceu na época em que começou o garimpo. No mesmo lugar nasceram todos. Depois, em 69, a mais velha já com 9 anos, eu vim para cá para botar para estudar, porque tava numa aulinha lá no Manchão do Meio, aí quando começaram a crescer, eu trouxe uma sobrinha também, filha de criação, para estudar num colégio melhorzinho, até quando terminaram o segundo grau. Aí eu botei uma em Goiânia e os outros foram pra Araguaína, depois a Nega foi para Goiânia também.

A mudança para cá foi boa, mas logo que chegamos aqui começou essa infelicidade da política. A gente era muito amigo dos políticos, aí quando foi em 72, Antenor entrou na política. Aí, nós começamos a gastar na política. Quando terminou a política, nós vendemos a fazenda, fazenda melhor que hoje, todo mundo tem pena. Ele vendeu a fazenda e não deu para pagar as contas, aí foi até que falamos: “Vamos vender o carro?”, “Vamos”, vendemos o carro para pagar o resto das contas. Desse carro sobrou 15 mil, aí pagamos as contas e ficou, agora não vamos mexer com política não. Era 88. Ficamos trabalhando normalzinho, ele lá para a fazenda eu aqui com os meninos, começou a mexer com açougue. Aí ele entrou na política de novo, botaram ele de candidato a vereador, foi o mais votado na história de Xambioá até hoje. O voto dele dava para eleger quatro vereadores. Foi 607 votos que ele teve. Mas só que naquela época 150 era eleito.

Foi o mais votado na história de Xambioá, mas também foi o que mais gastou. Quando ele entrou de vice-prefeito foi que fomos gastar o resto. Foi iludido: “Não, você não vai gastar nada, nós temos dinheiro para gastar”. Os meninos aceitaram, disseram: “Pai, aceite, o senhor não vai gastar”. Mas para política naquele tempo não tinha nada que dava não... Aí acabou.

Porque o povo pedia e a gente dava. Eu aqui, era as panelonas de comida e as vasilhonas de bolo para tomar o café de manhã, e Antenor já vinha com leite, e já vinha com o carro cheio, que vinha derrubando gente na estrada, cheio de gente pra comer. O dia todinho. Graças a Deus que tiraram esse negócio de comer, de dar essas coisas, que não pode largar, foi bom demais. Depois, nós ficamos pobres, não adiantou mais, porque pediam, né? A gente dava tudo. Minha menina mesmo, um dia eu vi, ela desceu o guarda-roupa dela, não deixou nada, só cinco cueiros pro menino dela, tudo dava. Dava tudo que a gente tinha. Naquele tempo, mulher usava anágua e uma mulher veio me pedir uma anágua e eu não tinha para dar, olhei, não tinha ninguém, desci a que tava no corpo e dei. Dava tudo que tinha, o meu marido dava a carne do açougue todinha e vinha com a mão suja de sangue.

Tudo que era em benefício do povo ele aprovava, mas naquele tempo tinha que ser adversário, e adversário não podia aprovar o beneficente do outro não, e ele aprovava todos eles. Aí, os outros companheiros não gostava muito disso não. Ele assinava o que era bom para a cidade. O que não era, ele não assinava. Uma vez chamaram ele e levaram daqui lá para o postão, fazer um acordo com ele para ele assinar um negócio lá. Pegaram um dinheirão lá no centro da cidade, aí levaram e combinaram com ele para escolher o que ele queria. Aí exigiram o que é que ele queria para assinar aquele projeto lá, aí ele disse: “Não, não faço isso não, vai dar prejuízo no município, vou pensar, daqui três dias...”. Eles viram que ele não assinava, quando ele chegou aqui, eu disse: “Antenor, por que que você não assinou?”, “Não, não tenho coragem de fazer isso não”. Foi bom não ter aceitado.

Foi em 96, teve aquele quebra-quebra. Não queriam aceitar o Ademar de volta, muitos achavam que ele não ganhava e ele ganhou porque o povo queria ele, porque era prefeito dos pobres, do povo humilde e médico. Acharam que tinham botado gente para votar sem ter votado, era uma coisa assim, e quebraram as urnas. Começou lá na Câmara. Quando eu cheguei lá estavam quebrando, iam pegando as urnas e furando de faca. As cédulas ficavam lá largadas no chão, tudinho. Vi quando derrubaram o padre Hélio, nós estávamos lá... Ele disse, bem na porta do Paulo VI: “Não, aqui ninguém vai mexer comigo”, “Padre, sai daí, que o povo vem zangado demais”, e o padre ficou. Quando eles vieram, subiu no padre, jogou no chão, o padre ficou olhando para a calçada da igreja. Aí foram quebrar o resto das urnas, todas as seções, quebraram todas elas, não ficou nenhuma.

Hoje, o mais importante é ter meus filhos tudo, todo mundo trabalha, todo mundo sadio, meus netos já são médicos, cada um formado numa coisa, e nós estamos aqui nós dois contando a história. O nosso amor não vai acabar com a morte. Ele adoeceu, cheguei no Dom Orione, aí o médico não queria deixar eu entrar por causa da idade. Aí eu digo: “Mas doutor, quando eu fui casar com ele eu fiz esse compromisso de só a morte nos separar, e por que que eu não posso ficar ao lado dele? Eu quero ficar ao lado dele até o dia que a morte nos separar”. Meus filhos são meus filhos, mas adocece eu deixo outro levar... Mas esse aí, não separo não. E nem ele de mim, quando eu adoeci da vesícula fiquei sete dias no hospital, ele foi sete dias sem sair nem lá fora.



José Cândido Neto

Fui o primeiro contratado da Votorantim aqui

Eu nasci aqui em Xambioá em 15 de fevereiro de 1957. O meu pai já é falecido, ele era garimpeiro e veio ter nessa região no início da exploração do cristal de rocha. Apesar que ele vinha de Baliza, uma região produtora de diamantes em Goiás, e ele veio em busca de diamantes, mas aqui chegando, como havia exploração do cristal de rocha, ele ficou. Aqui ele conheceu a minha mãe, se casaram, tiveram três filhos e eu sou produto disso.

Meu pai era uma pessoa extremamente humana, carinhosa. Tanto o meu pai quanto a minha mãe. Na época, a relação entre pai e filho era muito rígida, criança não tinha muito esse lugar assim nem essa liberdade total. E o meu pai não fugia à regra, mantinha isso que era um hábito, costume dos filhos não atrapalhar, não entrar em conversa de adultos. Criança tinha o seu lugar.

Das brincadeiras, gostava muito era de bola. E lembro que tinha um senhor, que era o seu Domingos, que já é falecido, o transporte de material de construção todo quem fazia era ele, então ele tinha uma tropa de jumentos e toda criança gostava de ajudar ele para andar em cima do coitado do jegue. E a gente banhava no rio também, mas os pais não gostavam. Tinha um fato curioso que o único acesso que se tinha a essa região ou era de barco ou era de avião. Em 66 foi que foi feita a ligação de Xambioá com a Belém–Brasília, até então você



AQUELES QUE PROCURARAM OS CURSOS, TODOS TIVERAM SUCESSO.

não tinha outro meio de transporte. Esses barcos subiam de Belém e eram barcos imensos, muito grandes, e aí, quando chegavam, era uma novidade, todo mundo queria correr para cima, para ficar saltando, e era muita gente, corria o risco de alguém se acidentar, saltar em cima... Então os pais tinham aquela preocupação.

Eu nasci na casa onde hoje mora o seu Airton Fontenele, ali na beira do rio, bem na beirinha do rio mesmo. E o que me causava impacto era que papai comprava cristal, chegava o dinheiro em saco de estopa, aqueles sacos de café Bandeirantes, e aquilo era guardado debaixo da cama. Imagina uma situação dessa hoje! Aquele dinheiro não era dele, aquele dinheiro era de alguém que financiava, mas o fato é que o dinheiro estava ali debaixo da cama.

No início meu pai era extrator, era garimpeiro mesmo. Aí, pegou algumas pedras, arrumou um capital e se transformou em exportador de cristal de rocha. Essas pedras eram levadas para o Rio de Janeiro, lá eram comercializadas e iam para fora do país. Já em 1962, eu criança, com cinco anos de idade, vinha com ele catar cristal nesse cascalho do rio seco. Teve uma seca, as pessoas hoje acham que isso é um caso anormal, mas já ocorreu no passado. Não atribuíam ao garimpo, não atribuíam à camada de ozônio, nada, nada. Era tido como um fenômeno natural mesmo. E a gente vinha catar cristal aí. É um tipo de cristal diferente, que os outros são facetados, esse chama mandu. É uma rocha bruta que ela vai rolando e vai perdendo as faces, então pra você saber se é cristal, só depois que você quebra, mas com a luz do sol ela brilha, fica aparente. Muito bonita.

Quando o garimpo exauriu, meu pai foi trabalhar com caminhão, comprou uns caminhões e trabalhava. Eu lembro bem da primeira vez que eu fui ao Rio de Janeiro, com cinco anos de idade, numa época extremamente difícil de acesso, porque se gastava só daqui até a Belém–Brasília 15 dias de viagem. Hoje você faz esse trajeto em uma hora e meia. Depois você encarava a estrada, mas já tinha uma condição de tráfego melhor, gastava dois dias para Goiânia. De Goiânia pra lá já tinha asfalto. Meu pai sempre foi ligado ao Rio, só que ele ia mais de avião pela Pan Am, que tinha aeroporto em Carolina. Quando comprou o caminhão a gente resolveu fazer essa viagem por terra, porque até então só era pelo ar.

A minha juventude foi vivida entre aqui, Goiânia e depois o Rio, quando eu fui prestar vestibular. Eu fiz até o segundo ano do ginásial aqui em Xambioá, terminei em Goiânia, fiz cursinho, prestei vestibular e fui para o Rio fazer Engenharia Civil. Na fila do vestibular,

eu conheci a minha esposa. Depois, casei e voltei. Fui morar em Rio Maria, mexer com mineração de ouro. É um município aqui no sul do Pará, em que na época tava no auge a produção de ouro, e fomos para lá. Depois, nós resolvemos voltar para cá.

Eu no início nunca tinha visto ouro, não tinha ouro nem como joia. E de repente virei comprador de ouro. Comprava esse ouro e ia para São Paulo vender. Primeiro vendia em Redenção, que era uma cidade a 75 quilômetros de Rio Maria, só que o acesso era extremamente difícil, porque você gastava quase um dia para andar esses 75 quilômetros. Depois esse volume foi aumentando, alguns conhecidos me ajudaram a chegar até São Paulo pra comercializar esse ouro e foi muito bom enquanto durou. Na época não havia a preocupação do garimpo exaurir e você ficar sem trabalho, porque tava no auge da Serra Pelada, tinha vários garimpos.

O que me fez abandonar foi o início da violência. Nesse ínterim eu me casei, minha esposa veio do Rio pra gente morar lá, era uma condição completamente diferente. Aí nasceu a minha primeira filha e eu fui ficando preocupado e resolvi sair do negócio e enveredar para outro lado. Foi quando eu voltei para Xambioá. Com os ganhos efetuados no comércio do ouro, eu havia formado um rebanho pequeno, mas que já permitiria eu viver dele. Aí eu fui para o lado de produtor rural. Pequeninho, mas eu sobrevivia disso daí. Também, quando da criação do estado de Tocantins em 88, eu abri uma empresa que se chamava Prisma Engenharia e fui trabalhar realizando obras para o governo de Tocantins, trabalhei durante oito anos e resolvi encerrar e continuar só com a roça.

Quando eu encerrei a atividade da empresa foi quando iniciou a construção da fábrica da Votorantim. Nós tivemos lá em torno de mil pessoas trabalhando na construção da fábrica. Isso movimentou muito a cidade. Isso para a cidade foi muito bom, houve um plus econômico. Aluguéis, hotéis, tudo isso foi movimentado e várias dessas pessoas até hoje mantêm uma relação com o local. Então eu me candidatei a uma vaga e fui o primeiro contratado da Votorantim aqui. Fiquei lá durante nove anos, saí em outubro do ano passado.

No início, foi com a parte civil. Quando finalizou a construção da fábrica, eu fui chamado a migrar para mina e aí fiquei como chefe de mina cinco anos, foi um novo aprendizado. A abertura da mina foi algo muito trabalhoso, porque você trabalha no sol, chuva, a fábrica tem um cronograma a ser cumprido para entrar em operação e você tem que ter matéria-prima para que ela possa produzir o cimento.

Como chefe de mina, eu era responsável por um volume significativo de colaboradores e encaminhava as atividades para a produção do calcário, que é a matéria-prima para a fabricação do cimento. A primeira etapa é fazer a remoção do estéril, que é o solo que cobre a rocha. Pelo processo de intemperismo, tem umas rochas mais acentuadas, outras mais fáceis. Então você tem que criar uma condição para perfurar e detonar, tem que eliminar primeiro aquelas rochas que são mais pontiagudas para criar um meio para o equipamen-



Terraplanagem
da fábrica da
Votorantim em
Xambioá

to poder trabalhar. Então você detona aquela rocha na primeira camada e, depois, você perfura e vai fazer o trabalho de bancada mesmo, que é de exploração mais intensa.

Lembro de um caso curioso. Foi quando abriram mais um turno de trabalho noturno. Um belo dia um dos colaboradores chama pela rádio o pessoal da segurança para que eles fossem lá rapidinho, que tinha uma mulher lá na mina. Aí ficou todo mundo apavorado. O rapaz da segurança montou na moto e foi lá. Quando eles chegaram, o que ele viu foi um cabelo longo... Ele viu o que conseguia ver com os faróis do caminhão. E aí ninguém queria encostar, todo mundo preocupado, todo mundo com medo, depois vieram a descobrir que era um tamanduá-bandeira que, se sentindo ameaçado, levantava a cauda e parecia o cabelo de alguém.

Um fato importante foi também a chegada do Senai, que é fundamental para o desenvolvimento local, não só para formar mão de obra para fábrica, mas para o Brasil inteiro, é um serviço de muita qualidade. Quantas pessoas não já foram formadas lá? E aqueles que procuraram os cursos, todos tiveram sucesso. Não que tivessem um emprego já garantido, mas tinham possibilidade melhor, tanto aqui quanto fora, você vê essas pessoas enxergando um pouco mais do que os outros.

Eu tenho a fotografia como hobby. Quando criança, meu pai numa dessas viagens me trouxe uma máquina fotográfica e aí, de lá para cá, eu fui adquirindo outras e mais outras. Eu gosto muito de fotografia e sempre me interessou a cultura local de todas as formas, uma delas é a preservação da memória. Então eu busco estar sempre registrando, no dia a dia, aquilo que possa ter uma importância lá no futuro. Não é nada artístico, mas é documental, e eu mantenho um arquivo particular com várias fotos e a gente busca tornar público isso aí. Já fizemos uma exposição desse material. É sempre um aprendizado, né? Todo dia a gente aprende mais alguma coisa, principalmente procurar respeitar o meio ambiente, que é o que a gente pode deixar de legado para os que vão vir aí.





Museu da Pessoa

Museu da Pessoa é um museu colaborativo, que, desde 1991, registra histórias de vida e as transforma em fonte de conhecimento, compreensão e conexão entre pessoas e povos. Seu acervo inclui mais de 16 mil histórias de vida e 72 mil documentos e fotos digitalizados. Para saber mais: www.museudapessoa.net

Presidente do Conselho Administrativo

Karen Worcman

Diretora executiva

Sonia London

Conte Sua História

Carolina Alves Gomes de Figueiredo

Felipe Rocha

Gabriel Medeiros Morais

Lucas Lara

Tamires Michelle Ahmad Youssef

Gestão Institucional

Allan Russo Fava

Caio Coimbra

Daniel Tzvi Ajzental

Dalci Alves da Silva

Jefferson Santos

Keli Garrafa

Marcos Terra

Rosana Mizziara

Educativo

Danilo Eiji Lopes

Lia Paraventi

Marcia Trezza

Votorantim Cimentos

Presidente

Walter Dissinger

Diretores - Votorantim Cimentos Brasil

Alan Svaiter

Cristiano Brasil

Edson Luiz Araújo

Eduardo Costa de Almeida

Fábio Garcia

Hugo Armelin

Juan Aguilera

Oswaldo Ayres

Coordenação

Responsabilidade Social - Votorantim

Cimentos

Fernanda Deleu Recife

Unidade Xambioá-TO

Pedro Lúcio Soares Lima

Elinon de Almeida Lima

Maria da Conceição de Oliveira Fontenele

Departamento de Divulgação

imprensa@vcimentos.com

Créditos da Publicação

Organização

Marcia Trezza

Edição das entrevistas e redação

Otavio Nazareth

Coordenação e gestão

Marcos Terra

Sonia London

Formação e entrevistas

Marcia Trezza

Desenvolvimento e entrevistas

Integrantes do Conselho Comunitário de Xambioá

Ana Lúcia Fernandes Moura

Antônia Rita Costa Monteiro

Cleonice Maria Pires da Costa Silva

Elinon Lima de Almeida

Francisco José Vasconcelos Pereira

Gilcimar Sousa

Jhênifer Silva dos Santos Leite

João Emanuel Costa de Sousa

José Albino de Oliveira

José Wilton Costa

Maria Antônia Morais da Luz

Marivalda Martins Borges

Paulo César Lucena de Sousa

Ruiderval Miranda Moura

Santana de Sousa Barreto Silva

Gravação e edição de depoimentos

Vinicius Faria Martins

Guilherme Bertozzi

Revisão de texto

Carolina Falcão

Projeto gráfico e diagramação

Editora Olhares

Fotografia

Guilherme Bertozzi

Acervo pessoal dos depoentes e de integrantes do Conselho Comunitário de Xambioá

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
Vagner Rodolfo CRB-8/9410

T818t Trezza, Marcia
Todo lugar tem uma história pra contar:
memórias de Xambioá / Marcia Trezza, Sonia London. -
São Paulo : Museu da Pessoa, 2017.
48 p. : il. ; 17cm x 23cm.
Inclui índice.
ISBN: 978-85-60505-48-7

1. História. 2. Memórias. 3. Xambioá. 4.
Tocantins. I. London, Sonia. II. Título.

2017-116 CDD 981
CDU 94(81)

Índice para catálogo sistemático:

1. História do Brasil 981
2. História do Brasil 94(81)



“

EU CHEGUEI AQUI NESSE LUGAR, EM XAMBIOÁ, NÃO TINHA UMA CASA AQUI DENTRO. TINHA UM BARRACÃO NA BEIRA DO RIO ACOLÁ E UMA CASA LÁ DO OUTRO LADO, PERTO DA IGREJA CATÓLICA. MAS NÃO TINHA RUA AQUI, TUDO ERA MATO.

Manoel

Parceria



Patrocínio



Realização

Museu da
Pessoa **25** anos

ISBN: 978-85-60505-48-7

